

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

IGOR ALEXANDRE DA ROCHA

**O DIÁLOGO ECUMÊNICO COMO CAMINHO DE SUPERAÇÃO DO
FUNDAMENTALISMO NA BUSCA DA PROMOÇÃO DE VIDA, PELA
PERSPECTIVA DO PONTIFICADO DE FRANCISCO**

CAMPINAS

2022

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE TEOLOGIA
IGOR ALEXANDRE DA ROCHA**

**O DIÁLOGO ECUMÊNICO COMO CAMINHO DE SUPERAÇÃO DO
FUNDAMENTALISMO NA BUSCA DA PROMOÇÃO DE VIDA, PELA
PERSPECTIVA DO PONTIFICADO DE FRANCISCO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Teologia do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do grau de Bacharel.

Orientador: Prof(a). Me. Lucia Maria Quintes Ducasble Gomes

CAMPINAS

2022

Ficha catalográfica elaborada por Adriane Elane Borges de Carvalho CRB 8/9313 Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

270.82 R672d	<p>Rocha, Igor Alexandre da</p> <p>O diálogo ecumênico como caminho de superação do fundamentalismo na busca da promoção de vida, pela perspectiva do pontificado de Francisco / Igor Alexandre da Rocha. - Campinas: PUC-Campinas, 2022.</p> <p>52 f.</p> <p>Orientador: Lucia Maria Quintes Ducasble Gomes.</p> <p>TCC (Bacharelado em Teologia) - Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Faculdade de Teologia , Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2022.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1. Fundamentalismo. 2. Diálogo. 3. Papa Francisco. I. Gomes, Lucia Maria Quintes Ducasble . II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Faculdade de Teologia . III. Título.</p> <p>CDD - 22. ed. 270.82</p>
-----------------	--

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE TEOLOGIA
IGOR ALEXANDRE DA ROCHA**

**O DIÁLOGO ECUMÊNICO COMO CAMINHO DE SUPERAÇÃO DO
FUNDAMENTALISMO NA BUSCA DA PROMOÇÃO DE VIDA, PELA
PERSPECTIVA DO PONTIFICADO DE FRANCISCO**

Trabalho de Conclusão de Curso entregue
em 27 de Junho de 2022.

Prof(a). Ms. Lucia Maria Quintes Ducasble Gomes.
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

CAMPINAS

2022

Dedico este trabalho a meu pai Francisco Lourenço da Rocha Neto, minha mãe Teresinha de Fatima Vicentini da Rocha, aos meus irmãos e sobrinhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da minha vida e pelas maravilhas que nela fez. Sou imensamente grato, pelo chamado que me fizeste à vocação do serviço. Que eu possa fazer da minha existência, uma prova eficaz de Vossa misericórdia.

À minha querida e amada família, que nunca se cansou em apoiar a minha escolha e de me ajudar nas mais abrangentes necessidades. Com um coração pleno e repleto, agradeço imensamente meus amados pais, Francisco e Teresinha Rocha a quem sempre recorri por auxílio, pedindo-lhes orações. Aos meus irmãos David e Eric que desempenham papel importante na minha existência; a minha cunhada e sobrinhos, muito obrigado por fazerem parte desta minha família tão querida.

Agradeço, ainda, ao povo de minha cidade natal, Bariri-SP. À Paróquia Santa Luzia na qual fui introduzido na vida cristã recebendo os sacramentos do Batismo, Eucaristia e Crisma. E ainda por me ter como filho na vocação, obrigado por confiar e acreditar em minha vocação que de tal modo me enviaram como filho para o serviço da Santa Igreja de Deus. Ao Padre Carlos Menezes Junior meu atual pároco de origem: muito obrigado pelo apoio e ajuda que está desempenhando como pastor, pai e amigo, minha eterna gratidão como filho: grato por sua atenção e carinho em me acompanhar no processo de formação. Lembro Também da Paróquia de São Nicolau e São João Evangelista do qual dediquei-me no estágio pastoral, gratidão as respectivos párocos, de modo especial Padre Robson verdadeiro amigo e irmão.

Louvo a Deus pela Diocese de São Carlos Borromeu, agradeço a Dom Luiz Carlos Dias nosso querido bispo, pai e pastor; bem como e a Dom Eduardo Malaspina, nosso amado bispo auxiliar, pela dedicação em pastorear o povo de Deus, e ainda pelo olhar caridoso e paterno para conosco, seminaristas. Também agradeço, a Dom Paulo Sérgio Machado, bispo emérito de nossa diocese, por ter me aceito no caminho do discipulado de Jesus. Não posso deixar de agradecer ao Padre Antônio Aparecido de Marco Filho pelo papel importante na formação presbiteral e olhar paterno. Ao Padre Rene José moderador espiritual, muito obrigado pela ajuda e incentivo na formulação desta monografia.

Enfim, agradeço todo corpo docente da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Ressalto aqui meu agradecimento para com a Prof^a. Me. Lucia Maria Quintes Ducasble Gomes, orientador deste trabalho acadêmico que não mediu esforços e dedicação para desempenhar tal ofício. Nela, agradeço todos àqueles que, de alguma forma, colaboraram para o crescimento e amadurecimento da minha dimensão acadêmica e na correção deste trabalho.

O que conta é gerar processos de encontro, processos que possam construir um povo capaz de colecionar as diferenças. Armemos os nossos filhos com as armas do diálogo! Vamos ensinar-lhes o bom combate do encontro!

Papa Francisco

RESUMO

Esse trabalho monográfico possui por objetivo refletir sobre o diálogo ecumênico, como força promotora da dignidade humana, que constantemente é abalado pelo fundamentalismo. Pretende-se obter sob à luz do pontificado de Francisco, meios de superação desses impasses e desafios, buscando a promoção da cultura do encontro e do diálogo. A metodologia utilizada é do teólogo Clodovis Boff presente em seu livro: *Teoria do método teológico* que se da em três momentos, a saber: momento positivo, especulativo e prático. A explanação não visa a promoção de violência, intolerância, autoritarismo, pois, afinal, esses princípios desumanizam e desfiguram a dignidade da pessoa humana. Nesse sentido, para superar os impasses, causados pela forte tendência radical do fundamentalismo, propõe-se, através desse trabalho, a promoção do diálogo ecumênico, que possibilita a união em participação e comunhão com os que se apresentam a busca da verdade. Pelo diálogo, a pessoa humana busca olhar o outro não como rival, mas como colaborador na construção de uma sociedade de paz. Portanto, seguindo os ensinamentos do Magistério conciliar do Vaticano II, buscamos construir pontes, que proporcionam o encontro em busca de uma sociedade justa e comprometida pelo bem comum. Papa Francisco é grande expoente da cultura do encontro, proporcionando vida e dignidade àqueles que estão oprimidos. É sinal de responsabilidade mútua e fraterna, criando assim vínculo de uma amizade social, ensinando que a diversidade enriquece, ao contrário da tendência fundamentalista, que acaba por reprimir e até violentar o direito à vida. A experiência de compaixão e amor coloca a pessoa no lugar do outro, exercitando assim, a chamada alteridade, sinal de paz.

Palavras-chaves: Fundamentalismo; diálogo ecumênico; Concílio Vaticano II; Papa Francisco; Promoção da vida.

ABSTRACT

This monographic work aims to reflect on ecumenical dialogue, as a promoting force for human dignity, which is constantly shaken by fundamentalism. It is intended to obtain, in light of the pontificate of Francis, means of overcoming these impasses and challenges, seeking to promote the culture of encounter and dialogue. The methodology used is by the theologian Clodovis Boff present in his book: Theory of the Theological Method that takes place in three moments, namely: positive, speculative and practical moments. The explanation is not intended to promote violence, intolerance, authoritarianism, because, after all, these principles dehumanize and disfigure the dignity of the human person. In this sense, in order to overcome the impasses, caused by the strong radical tendency of fundamentalism, it is proposed, through this work, the promotion of ecumenical dialogue, which makes the union in participation and communion with those who are in the search for the truth possible. Through dialogue, the human person seeks to see the other not as a rival, but as a collaborator in the construction of a society of peace. Therefore, following the teachings of the Conciliar Magisterium of Vatican II, we seek to build bridges that provide the meeting in search of a just society committed to the common good. Pope Francis is a great exponent of the culture of encounter, providing life and dignity to those who are oppressed. It is a sign of mutual and fraternal responsibility, thus creating a bond of social friendship, teaching that diversity enriches, contrary to the fundamentalist tendency, which ends up repressing and even violating the right to life. The experience of compassion and love puts the person in the place of the other, thus exercising the so-called alterity, a sign of peace.

Key Words: Fundamentalism; ecumenical dialogue; Vatican Council II; Pope Francis; Promotion of life.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
I. FUNDAMENTALISMO COMO OBSTÁCULO PARA A PROMOÇÃO DA DIGNIDADE HUMANA	13
1.1 Elementos da fé para a escuta	13
1.2 Bases do Fundamentalismo	19
1.3 Sinais dos tempos: globalização	21
1.4 O princípio da alteridade de Lévinas no reconhecimento do outro	22
II. O DIÁLOGO ECUMÊNICO: MEIO DE SUPERAÇÃO DO FUNDAMENTALISMO	25
2.1 Escolha preferencial pelo diálogo	25
2.2 Diálogo ecumênico na Igreja para a humanidade	27
2.3 Dignidade humana: caminho para a sinodalidade	29
2.4 Encontrar-se para o diálogo: uma proposta para todos	33
III. FRANCISCO PROMOTOR DA CULTURA DO ENCONTRO E PONTÍFICE DO DIÁLOGO E DA VIDA	36
3.1 A súplica insistente pelo diálogo	36
3.2 Promoção da cultura do encontro	39
3.3 Francisco e o ecumenismo na promoção da vida	42
CONCLUSÃO	47
REFERÊNCIAS	50

INTRODUÇÃO

Este trabalho acadêmico possui sua elaboração pautado por meio da reflexão do tema: “O diálogo ecumênico como caminho de superação do fundamentalismo na busca da promoção de vida, pela perspectiva do pontificado de Francisco”. Assunto que é pertinente a inúmeras áreas teológicas, como pastoral ecumênica e até mesmo moral. Busca-se explicar a importância do diálogo na busca da superação dos impasses causados pelo fundamentalismo na sociedade hodierna, demonstrando com empenho o terreno ecumênico fértil, encontrado na proposta de Francisco para toda a igreja e humanidade. Tomamos como referência as obras de Elias Wolff: “*Vaticano II: 50 anos de ecumenismo na Igreja Católica e Igreja em diálogo*” e as obras do Papa Francisco como *A Igreja da Misericórdia* e a carta encíclica *Fratelli Tutti*”, contamos com o auxílio de outros interlocutores privilegiados, bem como revisões e análises em artigos de dissertações e teses. Também, obtém-se exegeses de textos bíblicos, e documentos do Magistério conciliar e pós vaticano II. Obtendo, assim, uma reflexão pautada e aprimorada acerca dos meios de superação do fundamentalismo, num caminho ecumênico de vida e dignidade humana.

Esta monografia é estruturada para fomentar a importância do diálogo ecumênico, como caminho de unidade e fraternidade. Busca-se superar toda forma de exclusão para se dar lugar a vivência do outro, bem como a experiência do encontro como caminho da promoção do bem comum. Para isso, pautamo-nos explicar no capítulo I o “fundamentalismo como obstáculo para a promoção da dignidade humana”. A compreensão do fundamentalismo, e seus atributos, bem como uma reflexão por meio dos textos bíblicos, tradição e Magistério da Igreja. Os sinais dos tempos, no elemento da globalização, finalizam o diálogo com elementos da filosofia. Já no capítulo II, buscamos identificar “o diálogo ecumênico: meio de superação do fundamentalismo”, obtendo como resposta o diálogo, para todo o movimento ecumênico. Perpassando a religião com uma proposta para a sociedade. Obtendo, através da dignidade humana elementos para a sinodalidade, fruto de uma fraternidade integral. Enfim, o III capítulo, vem apresentar o Papa “Francisco promotor da cultura do encontro e pontífice do diálogo e da vida”. Traçando um caminho de incentivo ao diálogo e à promoção da cultura do encontro, da humanidade, e da vida.

O capítulo I visa identificar o fundamentalismo como obstáculo para a promoção da dignidade humana. Nesse sentido, procura inicialmente trazer o momento de escuta da fé, sendo esta pautada na Sagrada Escritura, na Tradição e no Magistério da Igreja. Em primeiro momento, ao ouvir e deixar-se iluminar pelas Escrituras, notamos o anseio de

Cristo em promover a unidade de seu povo, para constituir uma dignidade humanizada. A grande dificuldade apresentada é os preconceitos um para com os outros na vida comunitária. No qual a intolerância ganha lugar e abre espaço para o ódio. Por isso, é necessário suportar uns aos outros. É nesse sentido que a tradição por meio de São Justino, auxilia-nos a identificar no diferente, não uma fonte de exclusão, mas sim uma semente do verbo, que possui qualidades e atributos. Assim, o magistério, nos liga diretamente à proposta do diálogo e da liberdade, e ao invés de morte dá-se lugar para a vida. Apresenta, ainda, os elementos próprios do fundamentalismo que acaba por aparecer como uma forte tendência de centralidade e autonomia sobre os demais, promovendo a ação desumanizadora, capaz de aniquilar o diferente por não ser um igual. Com a análise dos sinais dos tempos, identificará o fenômeno da globalização, sendo uma das causas de fortalecimento da tendência egocêntrica. Por fim, busca-se o diálogo com a filosofia, que identifica no pensamento de Emmanuel Lévinas, o elemento da alteridade capaz de promover uma experiência positiva com o outro, como sinal de fraternidade.

O capítulo II demonstra o diálogo ecumênico, como sendo uma forte corrente de superação do ódio e da intolerância, buscando por meio da construção de pontes de unidade e fraternidade, comunhão na busca da paz. Supera-se pelo diálogo os impasses causados pelo fundamentalismo e identifica a dignidade humana como sendo inegociável. Deste modo, será apresentado o diálogo ecumênico, buscando um relacionamento entre o próprio magistério da Igreja, fruto do Concílio Vaticano II, e teólogos. Aqui, nota-se a necessidade do outro, da comunhão e da fraternidade. Ninguém pode ser feliz sozinho, afinal, o ser humano se mostra como sendo um ser relacional desde sua origem. O movimento ecumênico almeja cessar a desunião em prol da promoção da unidade, essa que é capaz de amparar o ser humano em suas necessidades, promovendo assim a dignidade da vida humana. Por sua vez, identifica-se que a unidade é mais do que o reconhecimento do outro, mas sim um fazer-se para o outro. Desse modo, o diálogo ecumênico possui seu impulso central na religião, que por sua vez, é capaz de perpassar e chegar em uma proposta para toda a humanidade. Assim, se obtém por meio do ideal comum da preservação da dignidade humana um caminho concreto para a construção da sinodalidade, fazendo-se assim, um sentido de diálogo com o outro, pautado no respeito e na responsabilidade, indo além de mera discussão de ideais, mas firmando-se na concretude da promoção comum para a humanidade.

Por fim, o III capítulo apresenta-se a partir da análise de governo do sumo pontífice Francisco, pois identifica a sua ação promotora da cultura do encontro e do diálogo, na

perspectiva geradora de vida. Sendo ele, considerado “homem fruto”, do Concílio Ecumênico Vaticano II, possui o desejo insistente de uma Igreja capaz de sair de si e ir ao encontro dos excluídos. Assim sendo, uma Igreja em saída, possui o diálogo como meio de ação pastoral, e proximidade humana. O diálogo em Francisco, não se trata de discutir teologia ou doutrina, mas sim de uma vivência prática de tudo aquilo que, até o momento, temos visto e vivido. A promoção da cultura do encontro, acaba por embasar-se na prática, como elemento de superação ao fundamentalismo. Colocar-se no caminho do outro, e identificar em sua história sofrimentos e angústias. Assim, a Igreja é chamada a ser instrumento de vida para toda a humanidade, onde a paz se mostra elemento universal, e forte centro de unidade. Na perspectiva de que será apresentada a busca da ação preferencial pelo outro no ecumenismo, dentro do pontificado de Francisco, inclusive na pandemia do Covid-19, onde a responsabilidade social para com todos fora interpelada.

I. FUNDAMENTALISMO COMO OBSTÁCULO PARA A PROMOÇÃO DA DIGNIDADE HUMANA

O capítulo I demonstrará o fundamentalismo como forte tendência desumanizadora. Para compreender esse processo, inicia-se com a explanação da escuta da fé, perpassando pelos textos das Sagradas Escrituras, da Tradição da Igreja e dos textos do Magistério conciliar, obtendo assim, elementos concisos da fé. Nos textos bíblicos, será possível analisar os ensinamentos paulinos para com a comunidade cristã, bem como o próprio Jesus como sendo caminho e vínculo de unidade, presente no encontro pessoal com Ele. A Tradição, pautamo-nos por meio de São Justino e seu pensamento do *logos spermátikos*, apresentando assim, as sementes do verbo distribuídas em cada coração humano. Por meio do Magistério da Igreja católica pautando-se nos textos do Concílio ecumênico Vaticano II, *Unitatis Redintegratio* e *Dignitatis Humanae*, do qual frisam a busca pela união, comunhão, e dignidade humana, como elemento primordial para a vida. Para compreender os elementos do fundamentalismo, utilizamos os estudos de Martin Dreher, no qual ratifica que, todos os indivíduos tendem a ter fundamentos e defende-los como única verdade. Para falarmos dos sinais dos tempos, terá a reflexão de Leonardo Boff, demonstrando assim, a forte tendência fundamentalista, causado pelo sistema de globalização. Por fim, para a discussão no campo filosófico, relacionamos nosso tema com o pensador Emmanuel Lévinas, e seu princípio de alteridade, elemento importante para a iniciativa do diálogo.

1.1 Elementos da fé para a escuta

Os ensinamentos de Cristo são frutos de suas palavras e ações praticadas pelo serviço ao próximo. Jesus sempre se demonstra aberto ao diálogo e contra toda forma de opressão e intolerância, ressaltando o amor como meio eficaz para a salvação. É, portanto, necessário suportar uns aos outros em Cristo, sinal e vínculo de toda unidade. O apóstolo Paulo exorta a comunidade cristã, dizendo: “[...] revesti-vos de sentimentos de compaixão, de bondade, humildade, mansidão, longanimidade, *suportando-vos* uns aos outros, e perdoando-os mutuamente, se alguém tem motivo de queixa contra o outro; como o Senhor vos perdoou, assim também fazeis vós” (Cl 3,12-13). A caridade deve ser pressuposto de todo diálogo, é preciso deixar-se tocar e ser tocado, é necessário ir ao encontro sem possuir preconceitos, mas sim livres e livres pelo amor: “Por isso o Pai me ama, porque dou minha vida para retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou livremente” (Jo 10, 17-18). É preciso imitar o mestre, que sempre toma a atitude de ir ao encontro do diferente, sabendo que ele é outro como eu, possuindo cada qual uma vida repleta de experiências e fardos a serem carregados. Suportai-

vos é a exclamação do apóstolo Paulo, reiterando que o outro não deve ser excluído, mas acolhido assim como ele se apresenta na tolerância, para que se reine a paz e a concórdia.

Na passagem da samaritana, Jesus não guarda aquilo que é bom, unicamente para si e para os seus, mas o distribui para todos aqueles que possuem sede. Assim sendo, aqueles que estão dispostos a dialogar e experimentar da realidade do outro, dá aquilo que possui e recebe o que lhe é oferecido. A samaritana foi capaz de entregar aquilo que possuía a Jesus, a água do poço de seu pai Jacó. Por sua vez, ela foi capaz de acolher o que Jesus tinha para lhe dar, a água da vida eterna. Cristo vai ao encontro da samaritana e inicia um diálogo, que se dá na liberdade de ambos. Aquele que tudo possuía, na caridade, e por meio do encontro, rompe todo tipo de preconceito e intolerância.

Uma mulher da Samaria chegou para tirar água. Jesus lhe disse: “Dá-me de beber!” Seus discípulos haviam ido à cidade comprar alimento. Diz-lhe, então a samaritana: “Como, sendo judeu, tu me pedes de beber, a mim que sou samaritana?” (Os judeus, com efeito, não se dão com os samaritanos).” (Jo 4, 7-9).

A simples atitude de Jesus de ir ao encontro de um povo que era tido como impuros, pois se misturaram com cultura pagã, acaba por mudar a vida daquela mulher. O encontro e o diálogo transformam e mudam a realidade das pessoas, é capaz de dar dignidade à vida. Enquanto que, o isolamento e a exclusão geram frutos da morte e da miséria. Seguir os passos de Jesus é quebrar os paradigmas do egocentrismo e do terrorismo, frutos do fundamentalismo. Assim, rompem-se as muralhas erguidas pelo próprio homem, para se construir pontes de unificação pelo próprio Deus, nisso o apóstolo Paulo afirma: “Ele é nossa paz: de ambos os povos fez um só, tendo derrubado o muro de separação e suprimido em sua carne a inimizade” (Ef 2, 14). Em Cristo, se encontra a compreensão e a fraternidade. Mas, por sua vez, cada ser humano, deve corresponder a esse convite de seguimento, no qual é preciso inúmeras vezes buscar a reconciliação em seu corpo místico. Aquilo que antes era dividido, em Cristo se faz uma unidade, “afim de que todos sejam um” (Jo, 17, 21). E para que isso aconteça, é necessário o desarmamento de si, para encontrar no outro o rosto humano.

O primeiro século do cristianismo é fortemente marcado por perseguições e totalitarismos diante do novo movimento que se irrompe, provocando os poderes religiosos e políticos eminentes em suas supremacias. Em meio aos padres da Igreja, encontramos o apologeta Justino (100-165 d.C), defensor do cristianismo nascente, frente às ameaças causadas pelas perseguições. Diante de fortes acusações, foram necessários que os cristãos

perdessem a própria vida na busca de um ideal almejado e anunciado por Jesus Cristo. Desse modo, diante do fundamentalismo, o novo não tem vez nem voz, e por isso, deve ser eliminado.

Para combater essas acusações e visão distorcida do cristianismo e defender a postura dos cristãos, alguns filósofos cristãos se levantaram mediante exemplo de vida e através de seus escritos, chamados de apologeticos por defenderem a legitimidade do cristianismo, e passaram a levar às autoridades e aos não-cristãos a verdade do Evangelho cristão. Diante dos ataques à igreja cristã, lançados pelo judaísmo, paganismo, estado e filosofia grega, a defesa do Evangelho e dos cristãos foi extremamente necessária. (XAVIER, 2014, p.12-13)

Paralelamente a era patrística apresenta fortemente os ideais filosóficos greco-romano na busca pela verdade. Assim, os fiéis cristãos possuíam a novidade de Cristo e mantinham a convicção no mesmo, buscando autenticar essa realidade com a Verdade. Porém, coloca-se em dúvida o sistema político, religioso e ainda filosófico já constituído antes do cristianismo. Por conseguinte, a afirmação de possuir a verdade, acaba por incomodar o sistema. “Contra esta acusação, Justino nos apresenta o que será o “coração” de seu pensamento apologetico: o famoso argumento do *logos spermátikos* (Verbo seminal).” (MARQUES, 2016, p. 2010). O padre da Igreja, portanto, afirma que Deus desde o início, infunde no coração humano a sua Bondade e Verdade. Assim, todos possuem em si uma verdade e tendem a voltar para o Criador, que são chamadas sementes do Verbo. Estas estão em plena ligação com o *logos* da filosofia, racional, porém encarnado e presente no meio da humanidade. Assim, Deus germina no coração humano, o *logos* de Cristo, a verdade divina. A novidade está no *logos*, figura filosófica encarnada no cristianismo, o próprio Deus “feito carne”, e ainda “habitando entre os homens”, como descrito em João 1, 14.

Ainda sobre o Logos, Justino explicava que, assim como esse verbo (Jesus) é a luz que ilumina todo aquele que vem ao mundo, sendo a fonte de todo conhecimento verdadeiro, os antigos hebreus já criam em Cristo antes mesmo de sua encarnação e muitos pagãos também haviam conhecido o mesmo verbo, pelo menos em parte, por meio do Logos. Dessa forma, Justino cria que alguns filósofos, como Sócrates e Platão, e alguns sábios da antiguidade, eram cristãos por terem recebido a sabedoria que provinha do Logos (Cristo), embora conhecendo-o parcialmente. Aos cristãos foi dado conhecer tal qual ele é pela sua encarnação. Mediante essas comparações Justino associou o conhecimento filosófico ao conhecimento cristão, construindo pontes entre ambos. (XAVIER, 2014, p.09)

Assim, para responder sobre as acusações da dúvida em relação às verdades anteriores ao cristianismo, Justino utiliza de seu pensamento *logos spermatikoi*. Este, afirma que, todos possuem em seu interior as sementes do verbo, cristãos ou não, crentes ou ateus, mas que fora

neles infuso por meio do Espírito da criação. É com base nisso que pode se verificar fragmentos de verdade em todas as culturas. O pensamento de Justino impulsiona na atualidade o ecumenismo e seu diálogo, fomentando uma rede de solidariedade e de esperança na busca do bem comum. A verdade pode sim, ser única, e assim o é em Deus, mas a mesma é compreendida de modo diferente em cada pessoa. O verbo, portanto, germina na pluralidade e esta não exclui a unidade única da verdade, mas soma para que essa se concretize no meio da humanidade. As sementes do verbo, são valorizadas no âmbito ecumênico pela compreensão de ligação com o diferente. O outro é semelhante e, portanto, deve ser respeitado.

São visíveis os esforços promovidos pela Igreja Católica Apostólica Romana, para a restauração da unidade entre todos os Cristãos. Instrumento importante ressaltado no Concílio Ecumênico Vaticano II, é o próprio diálogo ecumênico que possibilita, por meio da liberdade do pensar e da livre vontade, articular redes de unidade na construção do Reino de Deus. Sempre visionando o bem e a harmonia entre todos os homens. Uma busca para corresponder ao apelo de Cristo, antes de sua paixão e morte: “Para que todos sejam um, como tu, Pai, em mim e eu em ti; para que sejam um em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste”(Jo 17,21). Assim, o ecumenismo convida-nos em meio a uma era marcada pelo individualismo progressivo, voltar o olhar para o diferente e com ele fazer uma unidade, por meio do Espírito Santo que nos congrega, na vida ministerial salvífica em Cristo.

Os documentos do Concílio Vaticano II, são claros em reconhecer na Igreja, o grande instrumento de propagação moral cristã, bem como dos bons costumes aos povos. Por sua vez, reconhece também, que quando fechada em si mesma, não é capaz de promover vida e comunhão. São também obstáculos presentes na vida de Igreja e que deve buscar mudanças para que de fato, seja realizado o Reino já aqui, enquanto peregrina neste mundo. Assim, portanto, é necessário identificar no ecumenismo a esperança, que faz destruir os muros e construir as pontes. “A Igreja Católica, quer em questões doutrinárias e às vezes também disciplinares, quer acerca da estrutura da Igreja, criam não poucos obstáculos, por vezes muito graves, à plena comunhão eclesial. O movimento ecumênico visa a superar estes obstáculos.” (UR, n.3). Notando aqui, o primeiro passo para o diálogo, o reconhecimento dos próprios erros, e a disposição para a mudança.

Nenhuma instituição, sendo esta civil, econômica ou religiosa, está fora do alcance da tentação da autoafirmação causada pelo fundamentalismo. É necessário, portanto, grande esforço para iniciar na liberdade a promoção do diálogo. O movimento ecumênico, abraçado

pelo magistério católico, e proposto para todo o mundo, suscita inúmeras atividades e iniciativas na promoção pela unidade dos fiéis. De fato, é impensável uma unidade excludente de todas as outras, mas compartilhada, em comunhão e no respeito mútuo, identificando no outro, elementos para a construção e edificação do Reino de Deus.

O documento *Unitatis Redintegrato* (1964), vem afirmar sobre o ecumenismo: “Com este diálogo, todos adquirem um conhecimento mais verdadeiro e um apreço mais justo da doutrina e da vida de Comunhão. Então estas Comunhões conseguem também uma mais ampla colaboração em certas obrigações que a consciência exige em vista do bem comum.” (n.4). Nota-se aqui, uma abertura de coração, que torna possível, por meio do diálogo ecumênico, a promoção da fraternidade, da unidade e da concórdia entre os povos, na busca do amor.

É justo reconhecer no diferente, elementos de virtudes, e possuir admiração. Isso porque, todos os homens são capazes de atribuir elementos importantes para a vivência da fé. Para tal, é crucial dar os primeiros passos em direção ao outro. A abertura na aceitação do próximo deve acontecer por ambas às partes, estabelecendo um diálogo fraterno segundo a benevolência de Deus. A liberdade é o ponto crucial para toda ação ecumênica, pois: “[...] não há verdadeiro ecumenismo sem conversão interior. [...] Por isso, devemos implorar do Espírito Santo divino a graça da sincera abnegação, da humildade e mansidão no serviço, e da fraterna generosidade para com os outros.” (UR, n.7). Obstante, esse desejo ardente de fraternidade não é mérito humano, mas sim dom e graça de Deus. Deste modo, não é justo fechar-se em si para sufocar o pensamento oposto. Mas, com humildade e mansidão desenvolver o que é próprio da vocação de cada homem: ser relacional. Relação esta que é fruto da abertura sincera de si, para a promoção da unidade, que se dá pelo vínculo da paz.

O ideal ecumênico de unidade, não deve se dar apenas, para a dimensão religiosa; mas também para as realidades sociais precárias da humanidade. Uma única voz, com inúmeras mãos estendidas, que explicitam os ideais da fé e transforma-os em obras. A fé em Jesus implica ajustar a vida dentro do desejo divino. O diálogo ecumênico deve ser, portanto, promotor da dignidade humana. Sobre o fruto do movimento ecumênico, afirma o Concílio Vaticano II:

[...] apreciando a dignidade da pessoa humana, quer promovendo o bem da paz, quer aplicando o Evangelho na vida social, quer incentivando com espírito cristão as ciências e as artes e aplicando toda espécie de remédios aos males da nossa época, tais como: a fome e as calamidades, o analfabetismo e a pobreza, a falta de habitações e a inadequada distribuição dos bens. Por essa cooperação, todos os que creem em Cristo podem mais facilmente aprender como devem entender-se melhor e

estimar-se mais uns aos outros, e como se aplaine o caminho para a unidade dos cristãos. (UR, n.12)

É desejo de Deus, bem como da Mãe Igreja, a união dos homens pelo nome de Jesus, na implantação e busca da fraternidade e da paz. Visando o bem comum dos homens e a busca como meio de relação para o diálogo ecumênico. Podendo assim, corresponder ao apelo de Cristo: “Que todos sejam um” (Jo 17,21). O eixo central para toda ação ecumênica, é por sua vez, que os homens e mulheres de bem, não coloquem obstáculos aos caminhos a serem percorridos e impulsionados pela graça intra-trinitária de Deus. Assim, é de extrema importância, a plena liberdade e consciência da verdadeira proposta ecumênica, onde não se obscurece nenhum daqueles que se colocam no diálogo para se sobrepuser uma única verdade absoluta. Mas em meio ao convívio fraterno, deve-se buscar a compreensão na humildade e na caridade um para com o outro. É nesse sentido que o magistério conciliar vai ressaltar: “todos os homens têm o dever de buscar a verdade, sobre tudo, no que diz respeito a Deus e à sua Igreja e, uma vez conhecida, de abraçar e guardar.” (DH, n.1). Todos possuem o direito da busca pela verdade, cada qual no seu modo, visando sempre o respeito e o amor para com o outro.

Nenhuma verdade encontrada, deve se sobressair sobre a outra de forma autoritária e radicalmente, aspectos do fundamentalismo. Mas o sagrado Magistério, de forma clara, defende a liberdade de cada ser humano, e o direito e à liberdade religiosa. Nenhum ser humano deve ser privado em sua natureza de exercer em sua consciência sua dimensão religiosa. É por isso o direito de expressar livremente sua religião, sem constrangimento, pautada na própria sociedade, ou seja, na própria dignidade da pessoa humana. A religião é geradora de vida no meio civil e social, afinal, promove no coração de cada homem o desejo ardente da promoção da verdade e da justiça. Consequentemente, é por direito já intrinsecamente no ser de cada indivíduo, a busca pela verdade.

A fé, portanto, possui caráter humanizador, capaz de transformar a realidade fundamentalista, elevando assim, o desejo ardente de uma antropologia integral e solidária. A verdade deve ser buscada, não de qualquer modo, mas ao modo que convém sempre à dignidade humana, e jamais contrária à mesma. Essa busca, também deve ser pautada pelo diálogo, para que os homens se deem a conhecer um ao outro. Desse modo, ocorre ajuda mútua por meio da busca livre. Contra a própria consciência ninguém pode ser forçado a agir e aceitar os fundamentos já sobrepostos. Sobre a liberdade, o Concílio tende a afirmar:

Esta liberdade consiste no seguinte: todos os homens devem estar livres de coação, quer por parte dos indivíduos, quer dos grupos sociais ou qualquer autoridade humana; e de tal modo que, em matéria religiosa, ninguém seja forçado a agir contra a própria consciência, nem impedido, dentro dos devidos limites, de proceder segundo a mesma. (DH, n.2)

A religião, por ser elemento da própria natureza humana, acaba por se desdobrar também em outros campos, como o cultural, educacional e social. Não é limitada a um contexto já pressuposto, mas sim no desenvolver contínuo da própria história. O diálogo ecumênico recorda que todos possuem direitos a serem respeitados. Porém, do mesmo modo que todo sujeito possui direitos, ele também é constituído de deveres. A prática dos deveres devem ser para o respeito e em vista do bem comum. Consequentemente, “[...] com todos se deve proceder com justiça e bondade.” (DH, n.7). O seguimento dessa harmonia auxilia contra os abusos causados pelo fundamentalismos, bem como colabora generosamente para o crescimento de todos. Ninguém pode aceitar a fé contra a própria vontade, cometendo um ato desumano do qual viola contra os direitos da dignidade da pessoa humana (DH, n.10). O proselitismo deve ser superado na medida em que o diálogo predomina. Por fim, o Magistério conciliar, clama para que todos ponderem a liberdade, bem como a fraternidade entre os homens.

1.2 Bases do Fundamentalismo

Todo ser humano tende a ser fundamentalista, a partir do momento que o mesmo estipula e delimita os fundamentos que nortearão sua vida. De fato, os ideais e seus atributos já estão inerentes na própria constituição humana. É necessário ter fundamentos que norteiam a existência, bem como orientam o modo de agir. O fundamento é essencial para a existência humana, assim como uma casa não pode ser construída sem um alicerce. Ou seja, o fundamento faz parte da estrutura própria de todo ser humano. Portanto afirma Martin Dreher (2002, p.9): “[...] não há existência humana sem fundamento. Segundo este ultimo aspecto, todos somos fundamentalistas, pois todos necessitamos de fundamentais, de fundamentos, de alicerces para a nossa existência, e quem desistir deles estará desistindo de si mesmo.” Nota-se aqui, a compreensão branda e positiva do fundamentalismo, pois o autor nos indaga afirmando que todos somos fundamentalistas, pois, nos constituímos sob nossos próprios fundamentos. De fato, por sua vez, quando o humano numa tendência egocêntrica e autoritarista busca a sua autossuficiência sobre o diferente, cai no erro do radicalismo. A própria “[...] palavra ‘fundamentalismo’ tem sua origem no ocidente cristão e é fruto e decorrência do que se convencionou chamar de *Modernidade*.” (DREHER, 2002, *grifo do*

autor, p.9). É conhecido como corrente anti-modernismo, no qual possui sua gestação na oposição ao próprio iluminismo. Tem como característica central a elevação de uma verdade absoluta e predominante sobre todas as demais que possam vir a aparecer, por conta da modernidade. Com o movimento iluminista, novas luzes se acendem sobre o olhar da razão. Auge de pensamentos e ideias e que muitas das vezes acabam por ocupar o lugar central de um atributo já fundamentado há séculos. Assim, é notável a busca do fundamentalismo é a acentuação de uma única e absoluta verdade, e isso deve ser feito por um caminho de luta e purificação entre o bem contra o mal. (DREHER, 2002, p. 10).

Na busca de definir os fundamentos que norteiam a existência, firmam-se barreiras e muros. Cada qual se fecha em si e em suas verdades próprias, sem abertura para um diálogo profícuo. A modernidade mostrou inúmeros pensamentos que foram se afluindo após a supremacia de verdades já pressuposta para todos. Assim, com o clarear da modernidade, novas verdades têm se levantado, e principalmente, colocando em dúvida aqueles fundamentos já predominantes. “Os seres humanos criam um sistema que provoca loucuras, em nome de verdade única.” (DREHER, 2002, p.12). A linha fundamentalista é ampla e deve assim ser pensada, não é um atributo apenas religioso, mas também, econômico, político, educacional etc.

Todos os fundamentalistas se parecem: os religiosos e os do mercado. Os religiosos porque vivem dos dogmas da fé; os do mercado porque, para eles, o mais importante são as leis que regem a compra e a venda de seus produtos. *Desprezam vidas humanas*. O trágico é que, enquanto desprezam vidas humanas, fazem-no em nome da *Única Verdade*. (DREHER, 2002, *grifo do autor*, p.11).

O fundamentalismo deixa a humanidade cega, aprisionada no monarquismo da lei de talião: Olho por olho, dente por dente. Pensamento do qual, desestrutura toda a natureza humana, tornando-o um objeto de si mesmo. A vida como sendo objeto, pode ser manipulada e exterminada em busca de firmar uma verdade única. A ânsia de poder e autoridade acabam por se alicerçar na sede de fundamentar e alicerçar a única verdade. Deixa-se o ser humano totalmente sem rumo e sem sentido, afinal, para que pluralismos? Para que diálogos? Sendo que existe uma só verdade existente?! “Não é Alá quem comete os crimes feitos em seu nome. Não foi Deus quem encomendou aos nazistas o holocausto judeu; não foi deus quem encomendou a expulsão dos palestinos de suas terras.” (DREHER, 2002, p.12). O fundamentalismo, portanto, não deseja a modernização da religião, mas a fundamentalização religiosa, explícita da modernidade. Assim, sendo, é o desejo e a busca de reafirmar a posição da religião em meio à fragmentação causada pelo modernismo.

Por fim, o fundamentalismo é o instinto de autossobrevivência, do qual, não possui nenhuma sensibilidade com o diferente. É a tendência de frear a história e o desenvolvimento moderno, em vista de defender unicamente dos próprios interesses, chamando-as de verdade única. Não possui a tendência de alteridade com o próximo, muito menos pelo que o outro é capaz de acreditar. Mas, o fundamentalismo, torna-se o defensor da verdade religiosa, mediante as ameaças caudadas pelos grandes poderes da modernidade: Pluralismo, relativismo, historicismo e destruição de autoridades na fé. Assim, a religião, torna-se objeto de poder e de exploração sob a justificativa de uma centralidade única.

[...] para o fundamentalismo, a verdade religiosa é pressuposto para a ação política. Seu alvo é a sociedade perfeita. A sociedade perfeita só se estabelece quando todos se submeterem à verdade religiosa, assim como foi ditada pelo Espírito Santo a determinadas pessoas e fixada nas páginas inerentes, incapazes de erro, do texto bíblico. (DREHER, 2002, p.83).

1.3 Sinais dos tempos: globalização

Ao falar de fundamentalismo, deve-se sempre entender que esse termo perpassa inúmeras estruturas, e não só é considerado elemento único da face religiosa. Assim encontra-se a política, econômica, educacional, filosófica e claro a ideológica-religiosa. Torna-se um termo de acusação, ou seja, fundamentalista é sempre o outro. É sempre aquele que se levanta sobre os demais. Para si próprio, acaba por se preferir o termo radicalismo, seja este em suas inúmeras faces. Por sua vez, sempre é um combate ao outro, ao diferente, para a elevação de um ideal próprio. O século XIX foi berço para o florescimento de novas ideias e perspectivas, a modernização intelectual acaba por se despontar num contexto de globalização, do qual, contesta-se uma supremacia para dar-se lugar a pluralidade. O diferente se faz próximo para contestar autenticidade das verdades existentes. Sobre a tendência fundamentalista, afirma Boff (2002, p. 15):

Desse rigorismo se deriva o caráter militante e missionário de todo fundamentalista. Em face dos demais caminhos espirituais, ele é intolerante, pois significam simplesmente errância. Na moral é especialmente inflexível, particularmente no que concerne à sexualidade e à família. É contra os homossexuais, o movimento feminista e os processos libertários em geral. Na economia, é monetarista conservador, e na política sempre exalta a qualquer custo a ordem, a disciplina e a segurança.

O movimento do fundamentalismo nascente é fruto expressamente da própria modernidade. Afinal, com os avanços fervorosos de novas perspectivas, ideologias, ciências, se fazem necessário o endurecimento dos fundamentos bases da sociedade até então. “O

inimigo a combater é a Modernidade, com suas liberdades e seu processo de secularização.” (BOFF, 2002, p.17). Notam-se vidas sacrificadas em nome de normas e doutrinas que dizem fundamentar e dar suporte a humanidade. É crescente a quantidade de pensamentos que se espalham e se fomentam cada vez com maior intensidade por conta da globalização. É a dúvida e o medo de perder o status ou até mesmo a verdade que antes era única e agora é uma com as demais. A globalização acaba por fermentar a modernidade e seus atributos em todo o mundo. O avanço tecnológico rompeu as barreiras territoriais causando assim grande desconforto aqueles que conferem caráter absoluto ao seu ponto de vista, causa de tantas guerras e conflitos.

Sendo assim, imediatamente surge grave consequência: quem se sente portador de uma verdade absoluta não pode tolerar outra verdade, e seu destino é a intolerância. E a intolerância gera o desprezo do outro, e o desprezo, a agressividade, e a agressividade, a guerra contra o erro a ser combatido e exterminado. (BOFF, 2002, p.25).

A globalização não apenas possui o caráter de fomentar inúmeros encontros entre os diferentes, como também de levar o movimento e todo o seu conjunto fundamentalista, além de suas fronteiras. Ou seja, a globalização além de trazer a pluralidade, auxilia também na tendência individualista e intolerante, causados pelo movimento fundamentalista. É ilusório falarmos que a globalização teve sua vertente pluralista, mas auxiliou no crescimento das correntes de opressão, criando milhões de excluídos, em todos os fatores sociais em que o ser humano é composto. “Quando essas culturas se sentem ameaçadas pela globalização, se agarram à violências contra aqueles que os ameaçam. Explode o terrorismo como forma de autodefesa e de contra ofensa dos fracos contra os poderosos, utilizando meios altamente destruidores.” (BOFF, 2002, p.36). Inúmeras vezes fazem a exclusão do outro em nome de Deus. É a luta do bem contra o mal, trata-se aqui de combater e destruir as “falsas verdades” para conferir a vitória a única verdade existente. Isso se dá não apenas na dimensão religiosa, mas como em todo conjunto econômico, político em que o pobre não possui voz nem vez. Cria-se uma ideologia no qual globaliza-se o inimigo, ou seja, aquele que exclui e subtrai os meus valores, para atribuir outro no lugar.

1.4 O princípio da alteridade de Lévinas no reconhecimento do outro

A filosofia ocidental moderna acaba por inúmeras vezes por trazer um reducionismo do coletivo, para o particular. Como é possível ver na suma de René Descartes (1596 -1650) “*penso, logo existo*”. É existente apenas aquele que é capaz de pensar e agir por si só, obtendo

assim, uma autonomia sobre os demais. Nesse sentido, o outro só é aceito, quando ele é convertido e assim individualizado para o eu, o eu totalizante, dominador. Reduzir o outro de um princípio plural, dinâmico e múltiplo para o singular, eu, acaba por desqualificar o sentido comunitário da própria vivência humana. Tudo aquilo que vai além do eu, sendo este o “mesmo”, pessoa enquanto indivíduo único, é compreendido como sendo inexistente, ou até numa vertente egocêntrica, o não-eu simboliza o não-humano, podendo esse sofrer violência ou ser eliminado caso esteja sendo obstáculo para a minha verdade. Justifica-se aqui a guerra e a violência contra o outro, o diferente, o não-eu, uma vez que este é uma ameaça. A totalidade acaba por tirar a figura do outro, e a resumindo em uma igualdade do eu. Assim, a totalidade acaba por identificar o outro, como objeto do próprio eu, afinal, é algo igual e já conhecido. Por sua vez, o filósofo Emmanuel Lévinas (1906-1995), acaba por criticar essa linha de pensamento totalitária e desumana:

O rosto do outro não é redutível a um objeto, algo de que se poderia tomar posse; nisso não há contestação. Uma vez mais o outro não é absolutamente minha representação; é o caminho do infinito que, essencialmente me escapa. Matar é tomar conta da vida do outro, é pecado. A relação com o outro, na sua alteridade simbólica do divino, não forma um saber; voa antes sobre as asas do desejo, que Lévinas caracteriza como um pensamento que ultrapassa seu conteúdo. (MARTINS; LEPARGNEUR, 2014, p.19).

Lévinas apresenta um novo princípio de alteridade, que quando bem assimilada pelo eu, acaba por implicar no encontro e no diálogo com aquele que aparece em sua frente, o eu não possui, mas a totalidade sobre o outro. Esse enquanto indivíduo, único, se faz um com todos. Por sua vez, abre-se para o infinito, ou seja, o rosto do outro, é porta para o infinito, afinal, não é possível conhecer um sujeito em sua totalidade, sempre existirá algo na sua transcendência e interior ainda descoberto. Por isso, é necessária a alteridade a compreensão ao rosto do outro. Rosto esse marcado inúmeras vezes por histórias e marcas do passado que ficarão para toda a vida. “O outro é sentido por si só. Tu és tu absolutamente. Compreensão alguma pode abarca-lo, superando os poderes do Eu ou da totalidade. O outro é o que não pode ser contido, que conduz para além de todo contexto e do ser.” (LÉVINAS, 2010, p.14).

O apelo para com o rosto do outro, necessariamente inicia-se com um encontro, necessariamente entre o eu e o outro, o diferente. E que nenhuma totalidade é capaz de compreender o tu em sua plenitude, pois, esse é aberto para o infinito, entende-se aqui infinito, aquilo que não é possível de compreensão. O diálogo se faz presente para o rompimento do egocentrismo. Acaba por romper a relação de domínio do eu, e toda ação de sujeito-objeto. A manifestação do outro, exprime muito além de simplesmente querer retê-lo,

mas estabelece uma conjuntura de responsabilidade e fraternidade. O acolhimento do outro, atribui na relação mútua uma cooperação: “É na relação pessoal, do eu ao outro, que o “acontecimento” ético, caridade e misericórdia, generosidade e obediência, conduz além ou eleva acima do ser”. (LÉVINAS, 2010, p. 242). Deste modo, o olhar ao outro, deve ser não de supremacia ou dominação, ou ainda de intolerância e exclusão, frutos do fundamentalismo. Mas sim, de alteridade, colocando-se no lugar daquele que se deixa revelar, e buscando a compreensão. Auxiliando-se assim, no crescimento por meio do diálogo na promoção da vida humana.

Em fim, pode-se concluir que diálogo deve acontecer além dos limites traçados pelo ecumenismo, afinal, este é uma proposta para todos, indo portanto, além de uma religião ou grupo civil. Notamos que Jesus é exemplo e modelo desta perspectiva, pois, quis além das barreiras ideológicas praticar e deixar como ensinamento, o amor multou e o perdão insistente. Fazendo-se necessário criar a consciência da humildade e da responsabilidade fraterna, ir ao encontro e deixar-se encontrar é de fato, uma alternativa para a superação do fundamentalismo. Afinal, ambos os lados deve ser sujeitos e artífice do diálogo, buscando assim construção da dignidade humana, ponto principal na busca do desenvolvimento humano. Supera-se toda intolerância, exclusão, e promove a comunhão e a paz para a humanidade. Assim, ao olhar o rosto do outro, esse também, é sujeito do olhar para o nosso rosto, na dinâmica da alteridade. Todavia, é preciso que se promova o diálogo na liberdade constituindo cada qual o seu próprio modo de ser, insistindo na unidade, mesmo nas inúmeras diferenças, buscando equilíbrio naquilo que é comum entre ambos. O diálogo ecumênico, apresenta-se como forte instrumento de superação do fundamentalismo. A formação da consciência deve ser realizada na comunhão e na partilha, evitando sempre a supremacia, para que na fraternidade forma-se um único corpo, sem guerras ou divisões. Ser um único corpo, não significar ser igual, ou uniformizar, mas fazer parte, estar junto, cada qual com sua própria qualidade e cooperação, possuindo a consciência de um mesmo caminhar.

II. O DIÁLOGO ECUMÊNICO: MEIO DE SUPERAÇÃO DO FUNDAMENTALISMO

O capítulo II visará demonstrar que o diálogo ecumênico é uma forma de superação dos problemas causados pelo fundamentalismo, a partir das reflexões teológicas atuais e dos documentos do Magistério pós conciliar da Igreja. Para tal, elencamos o diálogo como sendo uma escolha preferencial para todos os que buscam a paz e a equidade. Para isso, pautamos nos pensamentos de Sanchez e Passos que trazem o elemento do diálogo ecumênico como fundamento de unidade entre os homens e sinal de paz para a humanidade. O olhar do outro é capaz de atrair elementos de amor e caridade, e deste modo, a exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* elenca as dores e angústias da humanidade, que são as mesmas da Igreja. Isso, porque, caminham juntas na busca do bem comum. Wolff e Armstrong trazem elementos para a identificação do outro, e do medo, sentido por meio da exclusão e afirmação de uma única verdade. É preciso por meio do processo de união comum trazer e dar dignidade para todos os sujeitos do diálogo. A carta encíclica *Ut unum sint*, busca a caridade como elemento fundante de toda ação relacional. Dentre outros pensadores que irão auxiliar na elaboração deste capítulo, de modo a afirmar o ecumenismo como sendo uma proposta para todos. Assim, por meio da experiência com o diferente, possa somar forças em prol da humanização da sociedade dilacerada pela opressão e discórdia, causadas pelo fundamentalismo.

2.1 Escolha preferencial pelo diálogo

A opção pelo diálogo deve ser algo unívoco, entre aqueles que buscam e almejam a paz. A Igreja Católica entende que todo ser humano de boa vontade e com maior intensidade, aqueles que foram lavados pela água do batismo, devem optar sempre pelo diálogo em prol do bem comum. O movimento ecumênico e a busca pela paz, não deve manter-se em grupos fechados, ou ainda para alguns, mas sim, como o próprio Cristo, tudo para todos. A intolerância, fruto de um radicalismo exacerbado é capaz de tirar a paz que há anos tem sido construída. A opção para a superação, desses entraves não é revidar com a mesma moeda, assim como nos mostra a lei de talião. Mas na força do Evangelho, capaz de unificar uma sociedade totalmente esfacelada pelo ódio e a dor causada pela opressão. “O diálogo visa um ponto certo de chegada que é a comunhão entre as diferenças. Em uma palavra, a experiência viva do amor que tem sua origem no próprio Deus que nos amou e enviou seu Filho para salvar e nos atrair para Si como comunhão plena.” (SANCHEZ; PASSOS, 2015, p.270).

Papa Francisco na exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, afirma que é preciso ver meios eficazes para a promoção do diálogo. É saber que todos somos sujeitos da cultura do encontro. Não visando aqui apenas o campo religioso, mas a responsabilidade do cuidado com

o outro, ultrapassa as fronteiras da religião e entra no campo social e cultural. Assim, o sumo pontífice inaugura um dos elementos fundantes de seu pontificado, a saber: A cultura do encontro. Muito mais do que um sinal de relação ultra pessoal, é preciso por meio do impulso do evangelho, fundar na consciência a importância de uma cultura do encontro, que é capaz de chegar ao outro, sair dos muros que divide e construir todos juntos, sem exclusão, uma sociedade pautada no diálogo e na alteridade.

É hora de saber como projetar, numa cultura que privilegie o diálogo como forma de encontro, a busca de consenso e de acordos, mas sem separá-la da preocupação por uma sociedade justa, capaz de memória e sem exclusões. O autor principal, o sujeito histórico deste processo, é a gente e a sua cultura, não uma classe, uma fração, um grupo, uma elite. Não precisamos de um projeto de poucos para poucos, ou de uma minoria esclarecida ou testemunhal que se aproprie de um sentimento coletivo. Trata-se de um acordo para viver juntos, de um pacto social e cultural. (EG, n.239).

Na cultura do encontro, sugerida e afirmada por Francisco, deve-se retirar de uma vez por todas a palavra inimigo. Afinal, quem é o inimigo? O outro deve ser visto como sujeito e artífice também de uma ação. O diferente não deve ser visto como uma ameaça, mas por si próprio, é capaz de agregar e fazer parte, dentro de uma cultura acolhedora e fraterna. Afinal, “nenhum ser humano é uma ilha... por isso não perguntem por quem os sinos dobram. Eles dobram por cada um, por cada uma, por toda a humanidade. Se grandes são as trevas que abatem sobre nossos espíritos, maiores ainda são nossas ânsias por luz.” (BOFF, 2002, p.71). Por mais que exista, e não se pode negar, pensamentos, ideologias e até mesmo interesses diversos, o que une o ser humano é bem maior do que aquilo que tenta separar. O desejo pela paz é fruto insistente da tentativa e realização do diálogo.

A opção pelo ecumenismo é demonstrar a abertura para o outro, no qual potências não se fecham em si, mas são chamadas a estar atentas e ouvir a voz de todos. A rejeição do outro, torna-se pelo movimento uma cultura do encontro, solo propício para o diálogo. O ecumenismo deve fomentar no coração das igrejas um diálogo incansável, onde o amor é capaz de vencer o ódio e fundar a paz. “Devemos sempre lembrar-nos de que somos peregrinos, e peregrinamos juntos. Para isso, devemos abrir o coração ao companheiro de estrada sem medos nem desconfianças, e olhar primeiramente para o que procuramos: a paz no rosto do único Deus.” (EG, n.244). Falta-nos hoje testemunho de acolhimento entre os próprios cristãos, afinal, a credibilidade do anúncio de Cristo, possuiria muito mais impacto, quando as divisões fossem superadas. Mas, não se deve esperar, é tempo de somar forças para a “edificação do Corpo místico de Cristo” (Ef 4, 12).

É preciso asseverar que o diálogo só pode acontecer quando existe a liberdade. Quando se aprende a aceitar as diferenças, para assumir juntos o dever pela justiça e construção do Reino já aqui na terra, começando pela casa comum. A figura do mosaico só é completa quanto todas as partes diferentes entre si, se encaixam perfeitamente. Assim também, a paz e a fraternidade se tornarão algo único, quando o encontro deixar de ser uma dificuldade e se tornar algo essencial para a formação de uma nova sociedade. Na qual, todos são sujeitos aderentes à cultura do encontro, na promoção do diálogo, busca da justiça e da paz, formando assim, independente da religião ou crença, uma comunidade de irmãos, como afirma Francisco, em Fratelli Tutti: “Cada um de nós é chamado a ser um artífice da paz, unindo e não dividindo, extinguindo o ódio em vez de conservá-lo, abrindo caminhos de diálogo em vez de erguer novos muros” (n. 284). A alteridade para com o próximo permite que todos os que se dediquem a tolerância e a união, sejam sujeito da cultura do encontro.

2.2 Diálogo ecumênico na Igreja para a humanidade

O movimento ecumênico fruto da modernidade e fomentada por meio do Concílio Vaticano II, mostra-se frutuosa no combate à desumanização, mostrando-se uma ação precisa na busca da unidade pela justiça e paz. Deste modo: “As diferenças de todas as ordens construídas pelo mundo moderno já não são empecilhos, mas ao contrário, um convite ao diálogo que significa acolhimento na caridade e busca de compreensão de seus modos de pensar.” (SANCHEZ; PASSOS, 2015, p.272). De fato, existe agora uma forte busca pela aceitação do outro, compreendendo-o para além dos ideais fundamentalistas, superando toda intolerância e abraçando a diversidade. É preciso, mais do que o simples reconhecimento e identificação, afirma Brakemeier (2001, p.197), a: “unidade é mais do que o reconhecimento da diversidade e da afirmação do respeito com o outro.” Como já supracitado, as águas da corrente ecumênica, interpela cada sujeito a sair de si e realizar a experiência de comunhão com o outro. Dilata-se o sentido restrito do ecumenismo, para um pequeno grupo, e desdobra-se para uma proposta universal, capaz de suprir as dificuldades e tribulações exclusivistas. Nota-se uma força inovadora, que busca mover a todos que se deixam encontrar.

É portando, movido pelo espírito conciliar, que a Igreja Católica se põe a buscar meios de diálogo fora de si próprio. Tal abertura se mostra profícua quando, o próprio caminhar do diálogo ecumênico acaba por perpassar as janelas do Concílio e refletir entre diversos sujeitos dentro e fora da instituição. É, portanto sinônimo de renovação, de abertura e dedicação ao outro, a vivência da alteridade mútua, pautada no próprio vínculo de unidade, Cristo. A ação

evangélica do ecumenismo acaba por instaurar um movimento de respeito e responsabilidade pelo bem comum. Assim sendo, o “diálogo é o caminho da Igreja renovada e sem fronteiras que se abre como que em círculos concêntricos desde o seu interior até aquele sujeito mais distante da mensagem do evangelho.” (SANCHEZ; PASSOS, 2015, p.270). Viver o ecumenismo é viver de fato a catolicidade em seu sentido belo, ou seja, na universalidade da comunhão, e promoção dos planos do Criador para toda a humanidade. Se faz missão da Igreja Católica, fomentar e estruturar por meio do ecumenismo o diálogo com todos os povos. Nessa perspectiva acrescenta Elias Wolff (2014, p.89, grifo do autor):

O ecumenismo é um serviço para que a Igreja seja a *Communio catholica*, como o conjunto das *Communiones* locais, onde se manifesta concretamente a uma, santa, católica e apostólica Igreja de Cristo. Os cristãos já fazem experiência dessa comunhão, mas de uma forma ainda muito limitada, em vista da plenitude que se almeja no futuro. A perfeição da comunhão exige a reconciliação das Igrejas. Não se trata de uma uniformidade ou unidade estática, mas da assunção reconciliada de uma diversidade de tradições de vida cristã, doutrinas e instituições em graus diferenciados que expressam uma comunhão dinâmica, criativa e progressiva nos elementos essenciais da Igreja. A comunhão admite graus de participação de várias categorias de pessoas e de diferentes Igrejas nos elementos essenciais e constitutivos da única Igreja.

Dentro de uma visão nascente no próprio meio cristão, torna-se hoje o diálogo ecumênico meio de humanização para todos os homens. Por mais que se fale e se insista no diálogo, é preciso ter o cuidado com a desconfiança e o medo das relações. Confiar é sempre correr risco, e quando não preparado o terreno de modo adequado, de nada valerá os esforços realizados pelos indivíduos de boa fé. Por se tratar de atributos delicados, a busca pela vida se encontra em primeiro lugar. Entretanto, ambas as partes dos sujeitos do encontro e diálogo, devem tratar de verdade e pelo amor mútuo, para não cair novamente no abismo do fundamentalismo. O medo de relacionar-se faz com que exista o armamento da autodefesa, e que muitas das vezes acaba por calar o diálogo e romper com a paz. “Esse medo de conspiração, que leva os indivíduos a pensar que estão lutando pela própria vida, pode facilmente tornar-se agressivo.” (ARMSTRONG, 2001, p.201). A superação dos conflitos, devem ser realizadas e pautadas sempre em ambas as partes, para que assim, ninguém saia ferido, mas unificados pela justiça e na confiança um para com o outro. Cessando as discórdias e divisões, para que assim, surja no seio de toda humanidade a misericórdia, a paz e a humildade.

Dentro do processo de superação, existe sempre uma tenção, mas essa, em sua própria constituição vem é superada, pois o que une e gera comunhão, deve ser e realmente é,

superior à causa do conflito. A promoção da dignidade humana é uma intenção universal do ecumenismo, que por sua vez, busca de forma incansável pelos princípios evangélicos de Cristo a construção de uma sociedade livre das privações, e comunitária por meio da corresponsabilidade um pelos outros. A unidade desejada, não se faz moldando ou privando a tendência moral e religiosa, buscando o bem comum, instaurando parâmetros de recíproca ajuda fraterna. Todos são chamados a buscar em Cristo, o princípio moral e ético para a construção de laços. Por conta disso, a Igreja, possui o papel de buscar ardentemente, em todos os meios civis e religiosos a construção de um mundo melhor. Nessa perspectiva, “os discípulos de Jesus Cristo devem buscar também, por meio do diálogo a comunhão com os de fora da Igreja. Munidos dos dons do Espírito, buscam também, por vários meios acolher as diferenças sociais, políticas e culturais buscando nas diferenças os sinais de Deus.” (SANCHEZ; PASSOS, 2015, p.270). Buscando, portanto, a construção da sociedade pautada no amor, pois afinal:

Sem esse amor, seria impossível enfrentar as reais dificuldades teológicas, culturais, psicológicas e sociais que se encontram ao examinar as divergências. A esta dimensão interior e pessoal, está inseparavelmente associado o espírito de caridade e de humildade: caridade para com o interlocutor, humildade para com a verdade que se descobre e que poderia exigir revisão de afirmações e atitudes. (UUS, n.36)

Sendo perita em humanidade, a Igreja é chamada à unidade e ao diálogo para com todos. Por sua vez, tanto na Religião quanto no mundo, por meio de ambos os cristãos são chamados de modo particular a exaustar-se no exercício da compreensão. Deste modo, portanto, o convite ao diálogo deve ser realizado na vivência da virtude teologal, a caridade. Ao recordar as sementes do verbo, nota-se a forte abertura e acolhida ao outro, que se mostra totalmente diferente e até mesmo por inúmeras vezes desconhecido. “O mundo possui as Sementes do verbo. Possui uma palavra a ser discernida, acolhida e partilhada.” (SANCHEZ; PASSOS, 2015, p.272). Mas essa, só é capaz de ser conhecida e de fato revelada por meio da escuta dos diferentes povos e culturas, cada qual, possuindo a sua própria identidade e modo de ser. Quando, nos colocamos na disposição do diálogo ecumênico, esse acaba por forjar um legítimo desejo de união, por meio do acolhimento, da empatia, no conhecer, por meio da partilha e ainda, sustenta-nos na caridade.

2.3 Dignidade humana: caminho para a sinodalidade

O ecumenismo por ser propriamente um movimento cristão, acaba por impulsionar e movimentar a comunhão e a fraternidade entre as comunidades espalhadas por todo o mundo.

Assim, dever e vocação batismal de cada cristão que se coloca no seguimento de Cristo. O símbolo de unidade, inicia-se no processo de comunhão e participação, no qual todos possuem voz e vez. A busca pela promoção da dignidade humana acaba por interpelar e fomentar o diálogo ecumênico, na promoção de partilha sinodal. Aqui se expressa a verdadeira unidade, que se faz compartilhada, em conjunto. Sem os apelos da marginalização ou exclusão. Todos são necessários para a promoção da paz, afinal, todos são sujeitos da ação. Não se trata mais de relação sujeito-objeto, mas por meio da alteridade, entende-se uma relação coletiva num formato circular, onde não existe superioridade, mas sim humildade e caridade. O processo sinodal é inúmeras vezes fomentado pelo espírito evangélico, que se expande num diálogo livre e aberto para com todos. Possui assim, a consciência que é necessária à abertura para com o diferente, para uma somatória em prol da dignidade humana, embasada no bem e na comunhão fraterna.

O ecumenismo é missão para quem se propõe na construção de um mundo mais justo e igualitário. De modo concreto, afirma Wolff (2014, p.122): “O ecumenismo é um carisma, uma vocação e um ministério que configuram a identidade e o agir cristão”. O respeito e a promoção da vida, enfatizando a cultura do encontro, é identidade do cristão, fora disso, perde-se o sentido daquilo que se crê. O processo sinodal de acolhimento e escuta, abre-se para um insistente projeto capaz de suprir e sessar os efeitos causados pelo fundamentalismo. Independente dos casos, a dominação é sempre do forte contra o fraco, o senhor sobre o servo, e o dominante sobre o dominado. É preciso muita humildade e caridade, para não correremos o risco de sufocar aqueles que estão passando pela exclusão. Faz-se urgentemente a promoção de pontes capazes de romper barreiras do orgulho e do egocentrismo. O processo sinodal busca abrir os olhos da humanidade, e daqueles que promovem a discórdia, em prol de uma verdade. A suplica da humanidade, por um olhar diferente para com o outro, deve romper a surdez daqueles que promovem a desumanização. Os diferentes são capazes da promoção da paz: “É o amor que vence o ódio. É o diálogo incansável, a negociação aberta e o acordo justo que tiram as bases de qualquer terrorismo e fundam a paz.” (BOFF, p.72). Deste modo, o ideal comum de humanização e paz entre os povos é gerador de encontro e fraternidade promotora de vida.

O pedido de Jesus, deve ecoar nos corações humanos, para criar um sentimento de partilha e amizade social, num comprometimento para com a vida: “Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros.” (Jo 13, 34). O amor é a luz que dissipa toda treva, fruto do individualismo humano. Amar é

um ato de partilha, do qual edifica e da dignidade de vida ao seres humanos. Assim, portanto, Um dos pontos essenciais, para se possuir uma verdadeira ação relacional que seja capaz de acolher e frutificar, na edificação e concretude da sinodalidade. Contudo, visa-se a busca na centralidade de uma ação comum entre os homens. Mesmo nas inúmeras diferenças de povos e pensamentos, a vida é pressuposto central para toda a fraternidade. Os seguidores de Cristo, possuem responsabilidade primeira na busca da promoção do diálogo, para a realização do desejo de Cristo:

Como tradução do amor que coloca em relação de respeito e conhecimento mútuo todas as diferenças, o diálogo permanecerá como grande regra para a Igreja. O diálogo se associa intrinsecamente à constatação da diversidade como factual e legítima, ao desejo da unidade e à disposição em acolher o outro, na empatia, no conhecimento, na caridade e na partilha. (SANCHEZ; PASSOS, 2015, p.273).

A busca por uma amizade social para a promoção e concretização da sinodalidade num processo de escuta e participação entre todos, se dá não apenas com quem possui pensamentos e considerações iguais, mas sim, na multiplicidade de pensamentos e ideais diferentes entre si. A amizade social, auxilia na promoção da vida e dignidade, pois, coloca como ponto o caminhar de cada indivíduo na tendência de um mesmo intuito. Ou seja, deve-se levar em conta e considerar as lutas e desafios, na sua particularidade antes de tirar conclusões exclusivistas. O diferente possui lugar junto com os demais, é preciso possuir ternura para com o próximo, no qual inúmeras das vezes não se conhece o nome, mas escuta-se a sua voz. É preciso fazer da ternura um método de amizade, que seja capaz de envolver a todos numa perspectiva humanitária. “A ternura é acolhimento na medida mesma em que se é capaz de gerar amor naqueles a quem se dirige, realizando uma reciprocidade virtuosa de doação acolhedora e de acolhida donante.” (ROCCHETTA, 2002, p.356). Que seja capaz, de amparar e fundamentar a esperança para a superação das rivalidades egocêntricas, típicas da falta de fraternidade e diálogo. A ternura, promove o diálogo com o próximo, pautando-se no amor e na caridade, colocar-se no lugar do outro, entendendo seus dramas e anseios. Promovendo assim, meios favoráveis para a concretização de uma sociedade pautada na construção do bem comum.

Os dicionários qualificam a amizade como “um afeto vivo e mútuo, entre duas ou mais pessoas, inspirado na afinidade de sentimentos e na estima recíproca”. O pensamento cristão não tem nenhuma dificuldade em fazer sua esta noção; acrescenta-lhe somente a referência a um Tertium transcendental que conduz os amigos não só a olhar-se entre si, mas a “olhar juntos na mesma direção”. (ROCCHETTA, 2002, p.89).

O processo sinodal, portanto, não implica apenas um olhar entre si e o outro, mas pelo olhar de ambos em vista de uma única direção, ou seja, buscar juntos a unidade na diversidade. Libertando os homens do risco do egoísmo, abre-se ao fundamento da caridade em vista do outro. Não é preciso pensar igual, mas é preciso saber acolher e ouvir, sendo próximo, um com ele na busca da dignidade. O diálogo portanto se faz também por meio da ternura, exigindo assim responsabilidade mútua para o sustento de uma amizade. Aqui entendida como meio de unidade na busca e visão de uma mesma direção. A “caridade é a razão de ser do diálogo, assim como sua finalidade, é a vivência do amor. Desse amor a Igreja é sinal e promotora e unicamente por ele se apresenta como servidora da humanidade.” (SANCHEZ; PASSOS, 2015, p.273). O Concílio Vaticano II impulsionou toda a Igreja a voltar-se ao Cristo sofredor e seguir seus ensinamentos de humildade. A realização do diálogo ecumênico, deve se dar sempre alinhado com o eixo central da fé. Assim, a relação daqueles que se dispõem ao encontro é de um olhar fixo na mesma proposta de humanização, apontada pelo Deus encarnado, como afirma Castillo (2015, p. 187-188, grifo do autor): “Um Deus que se faz homem, que se identifica com o humano. Um Deus assim, ao coincidir com o que é comum a todos os humanos, tem como primeira propriedade, [...] unir a todos os humanos. Porque no humano, e somente no humano, nós podemos coincidir com Deus”.

O movimento de humanização é capaz de promover laços e aproximar diferentes em uma mesma intenção. Assim sento, Jesus é sinal de unidade para com todos os que se deixam comunicar por Ele. Tornar-se um com o próximo, é tornar-se um também para com Deus. Assim sendo, entende-se que no humano está propriamente e legitimamente em sua natureza constituída a sua dignidade. E, essa deve ser preservada de toda perspectiva desumana. O diálogo ecumênico nos faz mesmo na pluralidade ter um caminho de unidade, rompendo barreiras e construindo pontes de relacionamentos pautados no próprio Deus encarnado. “Jesus rompeu barreiras, derrubou fronteiras de separação, uniu as ovelhas dispersas, todos os perdidos (Lc 15). Aquele judeu bom e singular, Jesus de Nazaré, foi lugar de encontro, de união, de acolhida para todos” (CASTILLO, 2015, p.85). O exemplo de Jesus demonstra que quando o homem é capaz de se humanizar, ele se torna divino, ou seja, quanto mais humanos somos, mais divinos seremos. Consequentemente, por Cristo o ser humano é capaz de traçar rumos na busca da dignidade humana, por meio da promoção da escuta sinodal, formando um único corpo com inúmeros membros, cada qual com sua própria personalidade. Mas, todos em prol de uma unida reta intenção.

2.4 Encontrar-se para o diálogo: uma proposta para todos

O caminho para a unidade e a comunhão não é simples, exige da pessoa que se coloque em diálogo verdadeiro, em espírito de abertura e compreensão. Não se implica aqui no abandono da fé e aceitação de outra doutrina, mas sim de possuir responsabilidade mútua, do qual com um espírito generoso, o outro é capaz de acrescentar sempre. Para isso, é preciso um momento de escuta, diálogo, e inclusive, um encontro sincero. “Dialogar não é uma tarefa fácil. Embora dialogar pareça ser uma necessidade existencial dos seres humanos, estabelecer o verdadeiro diálogo exige esforço honesto dos interlocutores [...] isso requer abertura para escutar o outro sem pré-julgamentos e com disposição para aprender.” (MARTINS, 2017, p.107). É preciso criar vínculo, estreitar laços com aqueles que se mostra no caminho do encontro. Recriar realidades quando se tem um compromisso com o diferente. Mostrar aqui a unidade na diversidade, num diálogo autêntico sem a tendência de dominação, mas de verdadeiro sentido de compreensão e partilha, acabando ser libertadora. O diálogo e a diversidade não se dão na uniformidade das semelhanças, mas na obra libertadora, onde os diferentes se unem para a construção de um mundo de paz e equidade.

O encontro é libertador e possui um caráter de unidade e partilha. “Nesse encontro as pessoas estabelecem “um ato de criação” no mundo que atua para a libertação do homem.” (MARTINS, 2017, p.107). Liberta-se do medo e da insegurança, características primeiras para o fechamento em si numa tendência fundamentalista. Deste modo, todo sujeito do diálogo é capaz, independente de suas condições de contribuir, algo a oferecer de seu potencial. É pelo encontro que todo diálogo acontece na liberdade e humildade, a criatividade múltipla possibilita a recriação de um mundo desumano. O diálogo ecumênico é testemunho para a promoção do amor e da fraternidade, as construções de perspectivas de ação humanizada se mostram como centralidade na ação da unidade. Sendo que, “a unidade não é visada por si mesma, mas para que o mundo possa crer, isto é, com vistas à salvação e à renovação de toda humanidade segundo a intenção de Deus” (GASSMANN, 2005, p.1116).

Dito isso, a proposta do encontro, é capaz de fomentar uma cultura de amor e compreensão, pautando-se na ação ecumênica de transformação dos corações. Assim sendo, todos possuem o direito de ser integrado e não excluído, deixado às margens em vista de bandeiras e teorias egocêntricas. Assim, para estabelecer a ação ecumênica entre os homens, é preciso três elementos centrais para o respeito e libertação, a saber: A convivência; a cooperação e propriamente o diálogo livre.

O fazer teológico ecumênico possui três momentos constitutivos: a) A convivência: a base de todo ecumenismo está radicada na vivência comum da fé compartilhada pelas diferentes comunidades cristãs. A convivência incita ao diálogo através do exercício do conhecimento mútuo e da mútua aceitação; b) A cooperação: necessidades comuns influenciam para que as diferentes confissões tracem critérios e estratégias conjuntas para a missão cristã e o serviço social, constituindo assim, um ecumenismo prático, motor das relações ecumênicas. A colaboração faz perceber que há somente um povo de Deus que precisa ser servido. A necessidade circunstancial imediata de cooperação alia-se à finalidade última da evangelização que é o testemunho comum do amor cristão em favor do único Evangelho da caridade. “Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,35); c) O diálogo: o pensar teológico, como ato segundo, é antecedido pela convivência e cooperação ecumênicas. As diferenças já não assustam mais, está preparado o terreno para o diálogo teológico-doutrinal que busca as razões mais profundas para o ecumenismo prático. Conscientiza-se que nos outros não há apenas diferenças a serem criticadas, mas há um “patrimônio comum” (UR 4), em vista do qual é possível elaborar um projeto de unidade que oriente o agir, o pensar e o viver ecumênicos. (GOMES, 2017, p.54-55).

Nessa perspectiva é preciso saber lidar com as diferenças ofensivas, para focar na comunhão dos pontos de unidade. Trilhar o caminho ecumênico, implica no assumir de fato o comprometimento com o compromisso mútuo, cooperar para o novo amanhã. Nesse sentido, todos os homens são chamados à vivenciar a experiência do encontro, visando o diálogo pela amorosidade na busca da libertação das relações de dominação, intolerância, expulsão, e até, exploração. Por isso, é necessário conviver, ou seja, relacionar-se mutuamente com a diversidade. A fé implica num despojamento de si, para obter a cooperação entre os sujeitos, Partindo do princípio do amor, todos são capazes de incluir e acolher, experimentando diariamente relações de respeito. Todo pensamento deve estar relacionado ao propósito do diálogo e não à exclusão. Antes, ao amor e não o ódio, a tolerância e não o radicalismo de conflitos. Estreitar laços é justamente cooperar na promoção do diálogo e construção de pontes de vida capazes de ligar os diferentes em uma unida direção, não perdendo de vista o horizonte da bondade e do bem comum.

A convivência permite o conhecimento mútuo e expressa confiança, rompendo a visão egoísta e individualista. As relações, devem cada qual acontecer de modo leve e compartilhado. Por isso, da necessidade da cooperação, um auxilia o outro, da suporte na caminhada e esperança para o coração. O diálogo fomenta por meio do amor e do respeito à solidificação dos laços e amizade recíproca. Assim é possível afirmar que: “Temos inúmeras experiências concretas de que a amorosidade é uma prática possível. Existem entre nós sinais de paz. Muitos muros têm sido derrubados a partir da fé em Jesus Cristo e pontes de diálogo e aproximação têm sido construídas.” (CNBB, n. 142). Supera-se a cultura do descarte, do

egoísmo e dos conflitos, dando se lugar à cultura da paz, do diálogo e propriamente dita, do encontro.

Em suma, é possível observar o diálogo ecumênico como forma de superação dos embates hodiernos causados pelo fundamentalismo. Os homens devem buscar sempre a opção preferencial pelo diálogo com o diferente. A pluralidade é um dom atribuído a todos os humanos, para que cada qual seja chamado na sua própria identidade a viver uma vida em comunhão fraterna com os demais. O medo deve ceder lugar ao convívio, o egoísmo e ação desumanizadora para a vida e o amor, visando assim o diálogo com os sujeitos da história. É preciso ainda, despojar-se da insegurança e dar lugar à acolhida e cooperação. A igreja Católica como mãe e perita de humanidade, busca o ponto de união em Cristo, para a promoção do diálogo e encontro com as diferenças. Visa-se em sua concretude, a busca pela humanização, princípio base de todo ser humano. Aqui, trata-se de uma verdadeira liberdade e responsabilidade, buscando pela paz nos pontos de unificação. Assim, pelo exemplo de Cristo, o diálogo deve ser fecundo e insistente, mesmo que sua exaustão, valendo-se gastar a vida pelo próximo. Possuindo a voz profética, o ecumênico é capaz de superar o fundamentalismo para promover a dignidade de vida. A unidade na diversidade se apresenta num processo de escuta e ação sinodal, buscando não apenas em sua identidade mas na de todos elementos capazes de somar na busca de um mundo melhor. Não existe aquele que em nada pode contribuir, afinal, cada encontro é um novo momento de libertação e criatividade. É, portanto, despir-se de todo preconceito, é preciso encontrar e ser encontrado, criando assim, um sentido de amizade social e fraterna, capazes de somar união e testemunhar a fé em Cristo. O convite para o diálogo, não se limita apenas para os crentes, mas sim, a todos os homens que na liberdade se coloquem a disposição do bem comum, sendo assim, artífice da paz e concórdia entre os povos.

III. FRANCISCO PROMOTOR DA CULTURA DO ENCONTRO E PONTÍFICE DO DIÁLOGO E DA VIDA

O Capítulo III do desenvolvimento, trará em si a proposta central de apresentar o pontificado de Francisco como terreno fértil para a construção de pontes, realizando a cultura do encontro e da paz. Demonstrando, portanto, que o diálogo a partir do Papa Francisco, é símbolo de abertura e promoção de vida. Obtendo o anseio de uma Igreja em saída, onde busca nos identificar como terreno fértil do ecumenismo e do Sumo Pontífice para a elaboração de uma insistência a nível de humanidade, na súplica pelo diálogo. Nessa perspectiva, nos pautaremos nos escritos próprios do Papa, como caminho para uma Igreja da Misericórdia, que mostra propriamente sua visão para a Igreja Universal, bem como suas cartas encíclicas *Amoris Laetitia*, *Fratelli Tutti*, para demonstrar que pelo diálogo se tem o encontro e experiência do outro, fazendo-se assim uma nova cultura. Onde, cada pessoa é capaz de receber e também transmitir conteúdos, tornando assim um vínculo de amizade sócia. Cada qual, com suas próprias características e identidade, que Elias Wolff demonstra em seus comentários acerca do Papa Francisco, atuante e precursor dessa nova cultura, visando sempre a promoção de vida e o cuidado com o bem comum. Spadaro, demonstra o pontificado de Francisco, como sentido de misericórdia, capaz de se compadecer pelo outro, na busca de uma humanidade justa e fraterna.

3.1 A súplica insistente pelo diálogo

Papa Francisco é o novo rosto da Igreja conciliar, buscando a sua ação primeira na preferência pelo serviço, mostrando que seu pontificado aponta um novo modo de ser Igreja. Buscando uma sincera conversão em vários âmbitos da Igreja, frisa-se a necessidade de sair de si mesma e ir ao encontro do outro. O momento atual se torna num dinamismo do ser e do agir, buscando no mundo a sua missão. Assim, “A Igreja em saída se faz Igreja na medida em que se encarna na realidade com o testemunho e servidora de Jesus Cristo, Verbo encarnado.” (SANCHEZ; PASSOS, 2015, p.393). A Igreja desejada por Francisco é aquela que dá testemunho de sua missão, do sair de si, ser em missão, estar junto com o diferente, com aquele que sofre e com aquele que necessita de vida. O homem, para Francisco, não deve focar em si próprio, mas pelo exemplo do Cristo, deve se encarnar na realidade local e se doar ao próximo. Sendo sinal da presença afetuosa de Deus, o comodismo acaba por sustentar a desumanização, a indiferença e a exclusão. “Quando o homem pensa só em si mesmo, nos seus próprios interesses e se coloca no centro, quando se deixa fascinar pelos ídolos do domínio e do poder, quando se coloca no lugar de Deus, então deteriora todas as relações,

arruína tudo; e abre a porta da violência, à indiferença e ao conflito.” (FRANCISCO, 2014, p. 87).

Ser pontífice é exatamente promover pontes de unidade, ser portador do exemplo de Cristo na comunhão fraterna. Cumprir no mundo a pregação do Evangelho, se dá a partir do testemunho vivido pela Igreja na sua abertura para as diferenças. O diálogo da Igreja para com o mundo é uma perspíctiva *ad extra*, ou seja, fora dela, é um movimento de saída e que exige de ambas as partes abertura. Não se colocar em diálogo é não viver o Evangelho e sim suas próprias tendências, fechando-se em si mesma. Assim, em Francisco observa-se aquilo que o Concílio Vaticano II chama de “sinal dos tempos”.

Reduzir o diálogo somente com os consanguíneos é limitar a força da união e participação provinda do próprio impulso evangélico. Valorizar relações é estabelecer pontes para a aproximação dos diferentes, cada qual com a sua identidade. A unidade não se dá na uniformização dos membros, mas na participação, assim a colegialidade e a sinodalidade acabam por ser opções próprias de preferência de toda a igreja de Francisco.

Na linha conciliar, o Papa Francisco fortalece a relação da Igreja com o mundo, colhendo os “sinais dos tempos”, as solitudes para a missão, exercendo a solidariedade e o companheirismo. *Ele vai ao encontro das diferenças, acolhendo as riquezas que nelas se apresentam*. Promove o diálogo ecumênico, inter-religioso e intercultural, buscando a unidade da família humana. (WOLFF, 2018, p.08, *grifo nosso*).

Retomando os ideais conciliares, o Papa busca uma igreja em saída, essa em nenhum momento perde a sua identidade, mas sim concretiza e firma a sua missão que lhe é própria. O cuidado com o outro é notável na perspectiva em que sempre se busca coisas boas dos diferentes, ou seja, a abertura ao diálogo é também momento de aprendizado para ambos. A perspectiva apontada é do caminhar juntos em busca de um mesmo ideal, assim notamos o desejo de se obter uma família humana, cada qual em sua situação, mas ambos membros de uma mesma casa comum. O elemento fundante dessa relação para Francisco, deve ser o amor, símbolo de unidade e de impulso para a comunhão: “Em fim, o amor coloca-nos em tensão para a comunhão universal. Ninguém amadurece nem alcança a plenitude isolando-se. Por sua própria dinâmica, o amor exige uma progressiva abertura, uma maior capacidade de acolher os outros, em uma aventura sem fim[...].” (FT, n.95). É uma casa comum, que se torna palpável com a consciência da unidade e a ação da partilha, tornando assim, o modelo de comunhão e participação em busca de uma causa justa.

O diálogo é capaz de romper com as divisões e estreitar laços em busca de dar

dignidade para aqueles que estão sendo oprimidos por tendências devastadoras. Para que haja libertação, é preciso um diálogo aberto e sincero, atribuindo responsabilidades e formando uma sociedade fraterna. O olhar de Francisco se desdobra para a opção preferencial pelos pobres, assim como já afirmado no documento de Aparecida. Deste modo, demonstra que o anseio de possuir uma Igreja desprendida de si, – e aqui não se desqualifica sua identidade, mas sim se apresenta ao mundo – mostra o carisma para a missão que lhe é própria. Consequentemente, o “caminhar rumo à uma amizade social e à fraternidade universal, há que fazer um reconhecimento basilar e essencial: dar-se conta de quanto vale um ser humano, de quanto vale uma pessoa, sempre e em qualquer circunstância.” (FT, n.106). A vivência no amor universal, é capaz de edificar e promover as pessoas, que se encontram em situações delicadas. Portanto, é preciso unir forças para a construção de atributos comuns.

É nessa direção que segue a “Igreja do diálogo” com o Papa Francisco, assumindo concretude através de um processo de “conversão pastoral” que revigora a sua missionariedade nas relações *ad intra* e *ad extra*. O diálogo é, assim, a condição privilegiada para a Igreja ampliar e aprofundar sempre mais tanto a sua autoconsciência quanto o conhecimento das realidades que a interpelam na missão. (WOLFF, 2018, p.10).

A perspectiva exposta pelo Sumo Pontífice, é justamente de obter uma Igreja da Misericórdia, que seja capaz de conviver com as dificuldades e as diferenças. Uma Igreja que possibilita a acolhida e a construção de pontes que liga a si com o diferente. A perspectiva de abertura se dá através da experiência do diálogo, sabendo ouvir e compartilhar dos mesmos anseios e sofrimentos, podendo dizer que é uma igreja humanizada. “Aceitamos o outro, aceitamos que haja uma justa variedade, que este seja diferente, que aquele pense de um modo ou de outro [...] a uniformidade mata a vida! A Igreja é variedade.” (FRANCISCO, 2014, p.35). Possuindo essa experiência, a igreja se faz casa da harmonia, lidando assim, com a unidade na diversidade. A proposta é de fato uma amizade social e uma fraternidade universal, em que o romano pontífice insiste, na busca da construção de uma casa justa e fraterna para todos. Não limita-se ao católicos, mas a busca pelo diálogo deve partir de todos aqueles que se propõe a viver uma realidade humanizadora. Tornando-se uma modalidade privilegiada para vida. O diálogo é indispensável para a edificação da família humana.

A perspectiva usada para se tratar de diálogo em Francisco, está sempre remetida diretamente ao ser humano, ou seja, cada qual possui seu modo único de se comunicar e expressar a sua realidade. “Para isso, é preciso colocar-se no lugar do outro e interpretar a profundidade do seu coração, individuar o que o apaixona, e tomar essa paixão como ponto de

partida para aprofundar o diálogo.” (AL, n.138). Para que se tenha um diálogo fecundo, é preciso experimentar das mesmas tribulações e angústias que o próximo está passando. Assim, a Igreja deve sair de si mesma e viver essa alteridade com o outro. O diálogo e a escuta é um processo demorado que faz germinar o dom da esperança: “Semear custa e cansa; cansa muitíssimo! É muito mais gratificante alegrar-se com a colheita! Vejam a nossa esperteza! Todos nos alegamos mais com a colheita, e todavia, Jesus nos pede para semear, e semear com seriedade.” (FRANCISCO, 2014, p.52). É preciso assumir a responsabilidade quando se coloca na perspectiva do diálogo, afinal, gastar-se para o outro é a maior de todas as virtudes teológicas, a saber: a caridade. Deste modo, é preciso ter a pluralidade, para que seja um solo fecundo no enriquecimento do bem comum.

A unidade, a que temos de aspirar, não é uniformidade, mas uma “unidade na diversidade” ou “uma diversidade reconciliada”. Neste estilo enriquecedor de comunhão fraterna, seres diferentes encontram-se, respeitam-se e apreciam-se, mas mantêm distintos matizes e acentos que enriquecem o bem comum. Temos de nos libertar da obrigação de sermos iguais. Também é necessária sagacidade para advertir eventuais “interferências” a tempo, a fim de que não destruam um processo de diálogo. (AL, n.139).

3. 2 Promoção da cultura do encontro

Em Francisco, como bem frisamos até o momento, o diálogo é capaz de edificar o ser humano, dando a ele a experiência do encontro, a igreja em seu pontificado se torna sensível às realidades múltiplas do ser humano, como a cultura, política, economia, crenças. Ela é capaz de interagir e se fazer próxima, valorizando o dinamismo expresso em cada povo, para a edificação da casa comum. Apenas estando próximo que se é possível identificar os elementos de fato desafiadores, para a promoção humana. Assim, o elemento do encontro se dá a partir do diálogo, mas num sentido íntimo e próximo com os sujeitos da relação. A proximidade do encontro faz com que as ações relacionais sejam mais fervorosas. A Igreja pós-Vaticano II, deve portanto sensibilizar e vivenciar as necessidades dos povos, e isso só se é possível graças a cultura do encontro. “A pessoa humana, com os seus direitos inalienáveis, está naturalmente aberta a criar vínculos. Habita nela, radicalmente, o apelo a transcender a si mesma no encontro com os outros.” (FT, n.111). É portanto, um anseio para com todos os homens a experimentarem o fruto do diálogo, o encontro é capaz de aperfeiçoar uma cultura de paz e igualdade.

Estar com o outro, na proximidade existencial, caminhar com ele, no seu próprio ritmo, é o jeito de ser Igreja. A proximidade é solidária, estar próximo é ajudar a carregar a cruz, tocando a cruz de Cristo. Isto significa que a Igreja se faz próxima para “ser-com”, numa posição de solidariedade samaritana com todos os peregrinos. (WOLFF,2018, p.23).

Essa é justamente a missão da igreja, estar com o próximo em todas as suas aflições. Por sua vez, nota-se o distanciamento de inúmeros cristãos indiferentes com o sofrimento dos excluídos e marginalizados. Assim, portanto, necessita-se de uma verdadeira e profunda conversão, para se reorganizar através do próprio Evangelho de Cristo. É portanto, necessário “primeirar” na ação de justiça, paz e amor, indo ao encontro e promovendo o diálogo. Deste modo: “A Igreja não se cansa de trabalhar por um mundo mais justo e mais solidário, e nenhum de seus membros pode permanecer insensível às desigualdades sociais.” (WOLFF, 2018, p.23). Os olhos devem estar atentos para observar e auxiliar na necessidade que sofrem. Papa Francisco, reaviva na Igreja a fomentação da cultura do encontro e do diálogo. “Sonhemos como uma única humanidade, como caminantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos.” (FT. n.8).

O diálogo é promotor da cultura do encontro, pois, esse possibilita a interação com a sociedade, com outras igrejas, religiões, culturas, entre outros elementos. Assim, por meio de um sentido de cooperação, acaba por se compreender toda a humanidade em uma ação relacional. Se faz necessário a convivência, o sentir e o tocar, é preciso aprender a viver junto, e não isolados da realidade, mas em participação. Assim, o diálogo não deve ser em nenhum momento imposto, mas de forma livre, conservando assim os elementos de cada indivíduo. Nota-se aqui um olhar especial ao outro, vendo ele mesmo que em inúmeros princípios e elementos diferentes, faz parte de uma mesma família, todos como irmãos de uma mesma casa universal. Para Francisco forma a consciência do encontro e da ajuda fraterna que deve ser compreendida por todos para que assim, possa auxiliar de forma concreta os que se apresentam esquecidos.

A verdadeira caridade é capaz de incluir tudo na sua dedicação, e, caso pretenda se expressar no encontro pessoal, também consegue chegar a uma irmã, a um irmão distante e até desconhecido, por meio dos vários recursos que as instituições de uma sociedade organizada, livre e criativa são capazes de gerar. Se voltarmos ao caso do bom Samaritano, vemos que até ele precisou da existência de uma estalagem que lhe permitisse resolver o que não estava em condições de garantir sozinho, naquele momento. O amor ao próximo é realista e não desperdiça nada que seja necessário para uma transformação da história que beneficie os últimos. (FT, n.165).

O diálogo como cultura, deve ser expresso no encontro que acaba por proporcionar o sentir de cada toque. O outro que se faz presente, suscita o solidariedade. Assim, a promoção da busca pelo bem e de edificar aquele que sofre, torna-se um compromisso ético a ser

expresso na busca da solidariedade. A Igreja, portanto, atenta a voz dos oprimidos, por meio de Francisco busca colocar o evangelho na prática do cotidiano, para que aprendamos a aceitar os outros, na sua maneira diferente de ser, de pensar e de se exprimir. Com este método, podemos assumir juntos o dever de servir a justiça e a paz, que deverá tornar-se um critério básico de todo o intercâmbio. (EG, n.250). É por conseguinte, que o seguimento do encontro, deve passar a ser e nosso cotidiano uma experiência fundante da ação do Evangelho, dedicando assim por meio dos exemplos da ação evangelizadora. Ter esse encontro de certo modo não é simples, afinal, exige um rebaixamento, ou seja, chegar na mesma estatura em que a pessoa se encontra. É preciso de fato, encarnar-se com Cristo de forma simples e humilde para que seja fecunda a ação semeada nos corações pelo diálogo. O encontro, atribui inúmeras vezes um choque de realidade, onde acaba por se identificar com o outro.

O diálogo de Francisco vai além da perspectiva linguística, idealizada numa política da boa vizinhança, mas principalmente na cultura do encontro. Assim sendo, deve-se assumir de fato junto com o diferente os pesos e os fardos que estes vem carregando. Realiza-se assim, deste modo, a ação evangeliza do cuidado com o outro, em que muitas das vezes é desconhecido na sociedade, mas próximo em Cristo. Dessa forma, o “ encontro e o acolhimento de todos, a solidariedade – uma palavra que está se escondendo nessa cultura, como se fosse algo pejorativo – , a solidariedade e a fraternidade são elementos que tornam a nossa civilização verdadeiramente humana. (FRANCISCO, 2014, p.54). É preciso entender, que o autêntico diálogo se dá diante de um ser humano, ou seja, de uma pessoa, sujeito de sua ação, que possui o seu rosto com inúmeras marcas, uma história que lhe é própria. Diálogo, portanto, não é apenas e nem pode se limitar a simples confrontos de ideias ou ideologias que buscam chegar num consenso. Em Francisco, diálogo e encontro trata-se de atributos antropológicos, próprios do ser humano. Assim, A tendência ecumênica em Francisco, vai além dos debates de ideias e busca pela unidade da igreja. Mas se firma e se estabelece na ação companheira e servidora, consolidada na solidariedade de uma família humana. Do qual, é possível sentir pelo encontro os anseios de cada vida.

Na cultura proferida por Francisco, é possível identificar, de imediato, a promoção do bem comum e a busca pela paz social. Dessa forma, respeita-se a história de vida de cada sujeito, e busca no processo de ser um com ele, auxiliar para que obtenha novamente a sua dignidade. A paz é um dom por demais precioso, do qual em sua concretude deve ser promovida e protegida. Os obstáculos e conflitos não geram, se não, outra coisa que a morte e a destruição. Elementos esses que são capazes de colocar por terra todo esforço de diálogo.

O mesmo deve ser insistente, desarmando as diferenças, para a promoção da liberdade concebida pelo dom de cada humano. Francisco insistentemente pede uma corrente de esforço pela paz, do qual em vista desse ideal, une em grande ato de solidariedade crentes e não crentes, católicos e outras denominações, sem colocar obstáculos, auxiliando na construção do bem maior. Assim, “a paz é um bem que supera qualquer barreira, porque é um bem de toda a humanidade.” (FRANCISCO, 2014, p.24). Consequentemente, a paz é responsabilidade de todos e é um bem universal. O diálogo quando trilhado na cultura do encontro, é de fato o caminho para a paz. É o favorecimento do entendimento e da harmonia, da concórdia e da solidariedade. Onde, todos os homens devem independente de suas convicções religiosas, zelar e preservar a paz.

[...] somos chamados a sermos verdadeiros “dialogantes”, a agir na construção da paz, e não como intermediários, mas como mediadores autênticos. Os intermediários procuram contentar todas as partes, com a finalidade de obter um lucro para si mesmos. O mediador, ao contrário, é aquele que nada reserva para si próprio, mas que se dedica generosamente, até se consumir, consciente de que o único lucro é a paz. Cada um de nós é chamado a ser um artífice da paz, unindo e não dividindo, extinguindo o ódio em vez de conserva-lo, abrindo caminhos de diálogo em vez de erguer novos muros! Dialogar, encontrar-se para instaurar no mundo a cultura do diálogo, a cultura do encontro. (FRANCISCO, 2014, p. 98).

3.3 Francisco e o ecumenismo na promoção da vida

Muito mais do que palavras ditas, Francisco tem se mostrado testemunha forte em prol da unidade e da paz. Seus atos e ações são de acolhimento e de firme empenho na construções de pontes que possibilitam encontros. Como já supracitado, Francisco busca formar e incentivar a cultura do encontro, do qual constitui um cenário eclesial favorável ao diálogo, bem como a ações conjuntas pelo ecumenismo. “Um diálogo, no qual se procurem a paz e a justiça social, é em si mesmo, para além do aspecto meramente pragmático, um compromisso ético que cria novas condições sociais. [...] Portanto esses esforços também podem ter o significado de amor à verdade.” (EG, n 250). Busca-se pela vivência da união elementos para a promoção da vida, na liberdade de cada um, rompe-se as barreiras do individualismo, dando lugar para uma igreja aberta ao diálogo, que tende a “primeirar” o encontro com o outro.

É necessário criar a consciência dentro do próprio ecumenismo que: “o diálogo movido pela misericórdia não significa antes de tudo discutir ideias e posições juntos, mas fazer algo juntos e antes de tudo estar juntos, mergulhando tudo na oração.” (SPADARO, 2016, p.221, tradução nossa). É preciso que a humildade e a caridade prevaleça para que exista verdadeiramente uma entrega de doação um para com o outro. Dialogar não significa debater

pensamentos e ideias, mas estar disposto mesmo diante de todas as diferenças possíveis, permanecer juntos, olhando para uma mesma direção. Francisco busca em seu pontificado, a atualização própria da igreja apresentada no Concílio Vaticano II, fazendo-a assim aberta e disposta a seguir em busca da unidade : “O ecumenismo não só condiz com os esforços de atualização da Igreja, mas também é uma exigência dessa atualização. A busca da unidade dos cristãos é a busca que a Igreja faz de si mesma, no aprofundamento de sua natureza, identidade e missão.” (WOLFF, 2014, p. 33). Assim, nota-se que o ecumenismo é por sua vez, um terreno conhecido e fértil para a ação eclesial. No terreno fértil do ecumenismo a dignidade de cada pessoa deve ser respeitada, independente de qualquer pressuposto intelectual. É nesse sentido que Francisco defende a dignidade de cada serhumano:

Que todo ser humano possui uma dignidade inalienável é uma verdade que corresponde à natureza humana, independentemente de qualquer transformação cultural. Por isso, o ser humano possui a mesma dignidade inviolável em todo e qualquer período da história, e ninguém pode sentir-se autorizado pelas circunstâncias a negar a essa convicção, nem a agir em sentido contrário. Assim, a inteligência pode perscrutar a realidade das coisas, através da reflexão, da experiência e do diálogo, para reconhecer, nessa realidade que a transcende, a base de certas exigências morais universais. (FT, n.213).

O convite a um pacto universal só é possível no reconhecimento da face do outro, de uma solida ação construtiva que se dá de modo evidente na ação ecumênica. É no sentido de comunhão com toda a humanidade, começando de cada individuo na busca de agregar e somar valores. O encontro se faz cultura no sentido em que cada sujeito se abre ao vínculo social que visa uma abertura a todos, sem tirar cada qual os eu próprio sentido e identidade. “Este é um momento de recuperar valores, no sentido real da palavra: regressar àquilo que tem de fato valor. O valor da vida, da natureza, da dignidade da pessoa, do trabalho, dos vínculos – todos esses são valores-chave da vida humana, que não podem ser negociados. (FRANCISCO, 2020 p. 42). Caminhar junto com o diferente é sempre uma nova oportunidade de possibilidades geradoras de vida. Fazer cultura é edificar a humanidade na qual se planeja algo que envolva a todos. É preciso se apaixonar pelo encontro, deixar-se de lado os preconceitos é o primeiro passo para a construção do bem comum. A vida é sinônimo universal, cada individuo possui sensitivamente a sua e é na liberdade que deve se por a caminho atrelado a um destino comum para todos.

Esse caminho comum a ser trilhado é do respeito a vida, a pessoa humana, enfim na busca da paz social. Essa por sua vez é semeada no campo ecumênico, para germinar em bons frutos de unidade, mas esse trabalho é sempre de forma vagarosa e artesanal, exige liberdade e

dedicação, não se deve cortar processos de humanização, é preciso compreensão para se ter uma paz enraizada na cultura do encontro. Integrar os iguais garante uma paz superficial, é preciso dedicar-se em unir e integrar as realidades diferentes é muito mais difícil, por sua vez, é garantia de uma paz real e sólida. Papa Francisco frisa que: “O que conta é gerar processos de encontro, processos que possam construir um povo capaz de colecionar as diferenças. Armemos os nossos filhos com as armas do diálogo! Vamos ensinar-lhes o bom combate do encontro!” (FT, n.2017). Assim, os processos do encontro devem ser banhados na misericórdia, ou seja, na vivência do cotidiano buscando saber lidar com as diferenças. A paz não implica ser iguais ou ainda, possuir uma uniformidade de pensamentos, mas sim, como lidar com as diferenças e ainda saber dialogar pela experiência da misericórdia. É portanto dever de cada pessoa buscar pela ótica do amor e da justiça fornecer vínculos de união e edificação da própria humanidade.

São numerosas as vozes de pastores que apelaram a considerar as consequências políticas da misericórdia, sabendo que ser um homem "capaz de misericórdia" hoje significa aceitar o risco da caridade política, sujeita por sua natureza à laceração das escolhas difíceis [...] (SPADARO, 2016, p.225, tradução nossa). Na cultura do encontro, é necessário um despojamento de algumas aspirações para dar espaço de acesso e acolhida ao outro. é nesse sentido que, ser hoje capaz de misericórdia, é abrir-se ao caminho da caridade, gerando assim fraternidade. Sem impor nada sobre os ombros de ninguém, mas sabendo cada qual os seus limites e identidade a ser demonstrado. Papa Francisco fala sobre o prazer de reconhecer o outro bem como a busca de uma amizade social, capaz de gerar vida por meio do diálogo e do encontro no terreno fértil do ecumenismo. “Isso implica o hábito de reconhecer, ao outro, o direito de ser ele próprio e de ser diferente. A partir desse reconhecimento que se tornou cultura, torna-se possível a criação de um pacto social.” (FT. n.218). Sem a busca de firmar esse reconhecimento, surge inúmeras maneiras de fazer com que o outro perca o seu próprio significado, acabando por se tornar irrelevante, ou seja, uma ação desumanizadora capaz de excluir. É preciso superar a busca e luta em prol dos próprios interesses para reconhecer aqueles que muitas vezes não possuem voz e vez diante da sociedade.

A construção da paz e a promoção da vida não se da na imposição de grupos que buscam silenciar outros, mas sim, no construir de cada dia no exercício do diálogo, a responsabilidade social de todos, ou seja, de cada cidadão possui um para com o outro:

Afinal, é fundamental que aumente o nosso conhecimento sobre a responsabilidade ética em relação à humanidade e ao ambiente em que vivemos. E isso supõe um diálogo sério e profundo entre todos, mostrando que a fé e razão podem coopera

para progressos científicos que valorizem a centralidade da pessoa humana, defendam a sua dignidade e o bem comum. (WOLFF, 2018, p. 50).

A escolha preferencial pelos pobres é um dos núcleos de um caminho a ser seguido no ecumenismo e é marca no pontificado de Francisco. O cuidado com a casa comum e com o próximo estão relacionados em primeiro lugar com a busca de unidade dos povos. A pandemia da Covid-19 acabou por tornar-se terreno fértil para a fraternidade e para as ações ecumênicas. Do qual não medem esforços para a promoção e defesa da vida, assim, afirma Francisco que estamos todos navegando no mesmo barco: “É verdade que uma tragédia global como a pandemia da Covid-19 despertou, por algum tempo, a consciência de sermos uma comunidade mundial que viaja no mesmo barco, em que o mal de um prejudica a todos. Recordamo-nos de que ninguém se salva sozinho [...] (FT, n. 32). É essa consciência que social que todos devem possuir, busca-se portanto uma amizade social promotora de fraternidade e comunhão. A preocupação é grande com os excluídos e marginalizados, pois, são aqueles que sofrem a desolação e a radicalidade do egoísmo. As ações de cooperação social entre os diferentes credos é visível na luta contra a morte e desumanização causada pelapandemia.

As causas sociais, são instrumentos de união e cooperação entre os diferentes credos, o diálogo e o encontro se fazem essenciais para que as diferenças sejam superadas e se deem lugar ao bem comum, na articulação de projetos para a justiça e a paz em âmbito mundial. “A atual sociedade é marcada por um intenso pluralismo de orientações religiosas, dentro e fora do universo cristão. Esse contexto questiona toda pretensão de exclusividade religiosa no espaço social e provoca o convívio, o diálogo e a cooperação entre os credos.” (WOLFF, 2018, p. 51). A consciência de sermos filhos de uma mesma terra nos faz sermos irmãos em Deus, que nos faz vivenciar a cada pessoa humana uma nova experiência. Criando assim, sempre um motivo para viver e sonhar com uma fraternidade universal, um mundo em que os homens vivam em paz e harmonia entre todos. Por fim, afirma-se o desejo ardente de Francisco: “Desejo ardentemente que, neste tempo que nos cabe viver, reconhecendo a dignidade de cada pessoa humana, possamos fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade.” (FT, n. 8). Que os homens de boa fé, possam sempre obter a luz do encontro a consciência que somos todos irmãos.

Tendo por base o pontificado do papa Francisco, encontramos a sua insistente suplica pelo diálogo capaz de romper os muros da religião e ecoar em toda sociedade civil e demais credos. Deixando como ponto central de toda missão da Igreja o sair de si mesma e ir ao encontro daquele que se deixa encontrar. É um processo constante de superação aos

preconceitos, comodismos e a indiferença para com o excluído. Nota-se a necessidade de se fazer próximo e criar vínculos de fraternidade e unidade na promoção de uma sociedade mas humana. A construção de pontes de união é exatamente o ensinamento prático realizado por Francisco quando estrutura a promoção da cultura do encontro. O diálogo é capaz de unificar para um ideal e o encontro de realizar comunhão e fraternidade na busca do bem comum. Esse encontro exige compromisso e responsabilidade por parte dos sujeitos do encontro. Cada qual ao seu modo de ser e agir é capaz de transmitir e ao mesmo tempo adquirir conhecimento e experiências. Em Francisco obtêm-se a compreensão de “primeirar”, ou seja, fazer-se o primeiro na perspectiva do diálogo, é preciso dar o primeiro passo para a construção de uma amizade social. Assim, o ecumenismo na perspectiva do papa se faz terreno fértil para a germinação de novas sementes de paz e dignidade humana. A promoção de vida se dá na compreensão da misericórdia e da caridade, onde somos capazes de assumir as dores e os dramas do outro para compartilhar o momento vivido. Assim, acontece na pandemia Covid- 19 a conscientização da preservação da vida, no qual, cada ser humano possui o seu valor inegociável e deve ser respeitado e pautado pela solidariedade mutua na fraternidade dos irmãos, deste modo, o apelo papal por uma amizade social que se faz na prática do amor.

CONCLUSÃO

Ser humano possui em sua própria essência a ação de comunicar-se e relacionar-se de modo pleno com os demais. É nesse sentido que buscamos, por meio do diálogo, a superação dos conflitos. Deste modo, esta monografia acaba por concluir e identificar o diálogo ecumênico como força promotora da dignidade humana, que muitas das vezes fora danificada pelos impasses fundamentalistas. Obtendo, por meio do testemunho do Papa Francisco, a formação de uma nova perspectiva para a humanidade, capaz de unificar e gerar fraternidade entre os homens. Em suma, a tendência humanizadora acaba por se dar sempre nas ações de relação entre os homens, que por liberdade acabam por unir forças na construção de um mundo melhor. A presente proposta é global, ou seja, para todos independente da crença, não existe aquele que não possa aprender e ao mesmo tempo ser capaz de ensinar. A pluralidade é capaz de agregar valores, enquanto a singularidade pode ser exclusivista e egoísta. Não estamos aqui defendendo a homogeneidade de valores, pelo contrário, na cultura do encontro é preciso para promover vida a identidade e a ação pessoal de cada sujeito. A dignidade é algo inviolável e inegociável, deste modo, cada pessoa é uma, que se coloca em comunhão com as demais.

Possuindo por base o capítulo I, é possível concluir que o fundamentalismo é uma tendência comum em meio às realidades humanas. A partir do momento em que se estipula e delimita fatores e ideias que vão nortear o percurso da vida, cada sujeito se torna responsável por sua própria ação dentro de seu direito. A defesa dessa ideologia afirmada como verdade, acaba por correr o risco de excluir e marginalizar aqueles que se portam e se constituem de outros elementos para sua vida. Nota-se que todo indivíduo é dotado de fundamentos, ou seja, possuem atributos de verdade para bem nortear sua existência. A grande questão é justamente, a defesa radical desses fundamentos como única verdade possível, nesse sentido fecha-se a qualquer possibilidade de relação com o diferente, entendendo assim o outro como uma afronta. Tendo identificado portanto, nos textos das Sagradas Escrituras, que esse problema também estava presente na época de Jesus. Interessante ação do Cristo, é sempre pautada pelo amor transformado em diálogo e encontro, como foi possível identificar no texto já supracitado. O exemplo de Jesus é o rompimento do egocentrismo, fruto do orgulho e prepotência sobre os demais. Com o testemunho de Cristo, identificamos em cada coração humano o desejo pela busca da verdade. A semente do verbo se apresenta como um dos primeiros fundamentos de abertura para o diálogo. São pontos de igualdade que podem iniciar um caminho a ser trilhado. A Igreja Católica sensível ao sinal da graça do Espírito de Deus e, sendo ela perita em humanidade, observa no ecumenismo terreno fértil para a superação dos

embates a vida humana causado pelo fundamentalismo. Buscando assim, um despojamento na humildade, sem perder o que lhe é próprio a identidade, lança-se nesse campo de missão e introduz o diálogo como experiência de dignidade humana. O encontro com o outro é sempre um momento de aprendizado e se faz único a cada ocasião. Desse modo, é possível identificar os elementos do pensamento filosófico sobre a alteridade, afinal, o rosto do outro é sempre um mistério, pois, cada um possui a sua própria interioridade, ou seja, aquilo que lhe é próprio. Em suma, quando possuímos a tendência de se sobressair sobre o outro, acabamos por ferir a dignidade que lhe é própria, somente quando, na liberdade, nos colocamos a traçar um caminho junto com o diferente, identificamos traços de igualdade e união, que antes não era possível de ser observado justamente pelo radicalismo.

Nessa linha de raciocínio obtêm-se no capítulo II a conclusão fundamental para a superação do fundamentalismo. O diálogo acaba por se destacar como modo de superação, e esse de modo concreto no terreno ecumênico se mostra grande expoente para a unificação dos cristãos e comunhão dos homens. De fato, o diálogo vem ocupar o lugar da antiga lei de talião, dando lugar a fraternidade. Deste modo, é possível afirmar que o diálogo gera vínculos relacionais que acabam por se constituírem numa constituição em vista do bem comum. Assim, aqueles que se colocam na liberdade no campo do diálogo, tende a se identificar por meio das causas de vida e compartilhar experiências. Unidade não possui a ideia de uniformização, e está longe de assim ser, pelo contrário, unidade se desenvolve por diversas vezes na diversidade, cada qual com a sua própria perspectiva e identidade. Conclui-se, portanto a necessidade da responsabilidade mútua bem como o exercício fiel da caridade. O terreno fértil do ecumenismo, acaba por fomentar uma ação relacional do diálogo que acaba por transpassar-lhe a convicção religiosa. Ou seja, o diálogo acaba por transformar não só as relações religiosas que se propõe, mas também a sociedade. De fato, o diálogo ecumênico é uma proposta da Igreja para a humanidade, demonstrando assim a busca pela unificação dos povos e a promoção do bem comum, alicerçando-se na dignidade humana e na promoção da vida. Essa perspectiva gera novas experiências, sendo do encontro de religiões, ou até mesmo, de movimentos civis em prol da humanidade. A paz é um dos pontos centrais de unificação para a construção de pontes, buscando superar a desigualdade causada pelos muros da divisão. Deste modo, homens e mulheres de boa vontade se unem para a promoção de uma humanidade melhor. A busca do amor acaba por gerar fraternidade e justiça uma para com o outro, a partir da prática da equidade. Nesse sentido, obtêm-se a necessidade de se fazer

presente e compartilhar de modo livre a experiência vivida. O modo indutivo de mostrar no trajeto humano, uma contribuição para a construção de uma amizade social.

O capítulo III como já apresentado, identifica o Papa Francisco como promotor da cultura do encontro, e pontífice do diálogo, e da vida. Isso se dá de modo claro, quando por diversas vezes pedem uma Igreja que seja capaz de sair de si mesma e ir ao encontro do outro, que inúmeras vezes encontra-se em situação de exclusão. Francisco não só incentiva o diálogo como dá testemunho do mesmo, promovendo assim uma cultura do encontro. As relações agora não são apenas relações de interesses, mas sim de identificação com o próximo, que se torna cultura. Ou seja, algo para o cotidiano da vida humana, é preciso educar para a cultura do diálogo e do encontro, ensinar a alteridade na forma do amor e da compaixão. A cultura do encontro, infunde na humanidade um sentimento de pertença e de porção da mesma nação. Assim sendo, demonstra que todos somos peregrinos na mesma terra e caminhamos para a mesma direção. Estar no mesmo barco, é compreender que estamos navegando para o mesmo sentido, onde todos passam pelas mesmas aflições e dificuldades. Mesmo diante das diferenças, se faz uma unidade que visa e sonha com uma humanidade pautada na misericórdia e na vivencia fraterna do amor.

Prova disso, fora a pandemia da Covid-19. Grande medo se espalhou e inúmeras vítimas foram feitas, a dor do outro se tornou a nossa dor. É nesse sentido que a cultura do encontro, auxilia na construção de uma sociedade justa e fraterna. Identifica-se uma rede universal que acaba por se interligar diversas vezes em pontos de unidade, para a busca do bem comum. É preciso experimentar na prática o encontro, possibilitando assim a fomentação de novas possibilidades que tendem para a paz. Encontrar é deixar-se também encontrar, ou seja, fazer-se com o outro, sujeitos promotores da cultura do diálogo, na busca da dignidade humana. Em suma, para obter a superação do fundamentalismo, é preciso obter a experiência da face do outro. Mas ainda, colocar-se no lugar e sentir as mesmas dores e aflições, caminhar junto e assim, pode-se afirmar que fomos capazes de amar. Francisco, homem do diálogo e do encontro é capaz de transmitir sua experiência de vida e ainda promover por meio do campo religioso ações práticas para a solidariedade na busca de promover vida digna para aqueles que são vítimas ainda hoje, da pressão fundamentalista. Ainda nessa perspectiva, pode-se buscar num trabalho futuro o diálogo ecumênico como restauração de vida no cenário pós-pandêmico. Buscando assim, ações de interligações religiosas e propondo para toda a humanidade um novo olhar a ser traçado no caminho da vida.

REFERÊNCIAS

- ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus: O fundamentalismo no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BRAKEMEIER, Gottfried. **Ecumenismo: repensando o significado e a abrangência de um termo. Perspectiva Teológica**, v. 33, n. 90, p. 195-216, 2001.
- BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico:(versão didática)**. São Paulo: Vozes, 1998
- BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo: A Globalização e o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- CASTILLO, José. **Jesus a humanização de Deus**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- CNBB. Campanha da fraternidade ecumênica 2021. Brasília: Edições CNBB, 2020.
- CONCÍLIO VATICANO II. **Declaração *Dignitatis Humanae***. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651207_dignitatis-humanae_po.html>. Acesso em: 05 mar. 2021.
- _____. **Decreto *Unitatis Redintegratio***. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html>. Acesso em: 05 mar. 2021.
- DE JERUSALÉM, Bíblia. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- DREHER, Martin N. **Para entender o Fundamentalismo**. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2002.
- FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 05 mar. 2021.
- _____. **Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*: sobre o amor na família**. São Paulo: Paulus, 2016.
- _____. **A Igreja da misericórdia: minha visão para a Igreja**. São Paulo: Parelela, 2014.
- _____. **Percorramos os caminhos da paz**. São Paulo: Paulus, 2014.
- GASSMANN, G. Unidade. In: LOSSKY, Nicholas; [et. al.]. **Dicionário do movimento ecumênico**. Petrópolis: Vozes, 2005
- GOMES, Tiago F. Diálogo ecumênico, promoção humana e busca da paz. **Teocomunicação**, v. 47, n. 1, p. 51-64, 2017.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Ut Unum Sint***. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25051995_ut-unum-sint.html>. Acesso em: 05 mar. 2021.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MARQUES, José da Cruz Lopes. **Logos seminal e Logos total na Apologia de Justino, o Mártir. Caminhando**, v. 21, n. 2, p. 209-223, 2016.

MARTINS, Alexandre Andrade. Do desenraizamento ao fundamentalismo: uma visão a partir do enraizamento weiliano e do diálogo libertador freireano. In: MILLEN, Maria; ZACHARIAS, Ronaldo. **Fundamentalismo desafios à ética teológica**. Aparecida: Editora Santuário, 2017.

MARTINS, Rogério Jolins; LEPARGNEUR, Hubert. **Introdução a Lévinas: pensar a ética no século XXI**. São Paulo: Paulus, 2014.

PUC - Campinas. **Guia de normatização de trabalhos acadêmicos da PUC-Campinas**. Campinas: PUC-Campinas, 2020.

ROCCHETTA, Carlo. **Teologia da ternura: um “evangelho” a descobrir**. São Paulo: Paulus, 2002.

SANCHEZ, Wagner Lopes; PASSOS, João Décio. **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2015.

SPADARO, Antonio. *La diplomazia di Francesco: la misericordia come processo politico*. **La civiltà cattolica**, v. 167, n. 3975, p. 209-226, 2016.

XAVIER, Erico Tadeu. **Justino Mártir: Um Filósofo em Defesa da Fé Cristã. Último Andar**, n. 24, p. 08-24, 2014.

WOLFF, Elias. **Igreja em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2018.

_____. **Vaticano II: 50 anos de ecumenismo na Igreja Católica**. São Paulo: Paulus, 2014.